



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Artes e Letras

Fontes e Bibliografia da Corda do Rio Dominguiso, Vales do Rio, Peso, Coutada e Barco

José dos Santos Baptista

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Ciências Documentais
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor António dos Santos Pereira

Covilhã, Junho de 2016

SONETO

Sinuosos caminhos por contíguos montes
Sob um verde e deslumbrante manto constante
A paradisíaca sensação de a cada instante
Ver brotar a água cristalina das fontes

Majestosos verdes vales e rústicas pontes
A beleza de um rio de que sou amante
Cujas águas galgam num som lamuriante
O esplendor que se estende pelos horizontes!...

O sedutor canto da cotovia e do rouxinol
Deliciando-nos de manhã e ao pôr-do-sol
O uivo de um lobo em noite de calma!...

De tanta beleza meu Deus és o autor
Dá-me oportunidade deste esplendor
Voltar a ser o meu êxtase, algum dia!...

«Lisboa, anos 70»

Francisco Madeira, Oeiras

Dedicatória

Aos meus filhos, filha, netos, e noras.

Aos meus pais e irmão, embora já não façam parte do número dos vivos.

À Maria de Oliveira Sardinha Baptista, o grande amor da minha vida, a mulher que partiu cedo demais deste mundo.

À minha cunhada, aos meus sobrinhos e sobrinha.

Foram e são a razão do meu viver.

Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar, ao Professor Doutor António dos Santos Pereira, professor catedrático no Departamento de Letras da Universidade da Beira Interior pela sua disponibilidade, competência e paciência revelada desde o início na orientação desta Dissertação de cujo conteúdo e forma é corresponsável. Os seus ensinamentos e palavras de encorajamento foram a pedra basilar para conseguir os objetivos desejados.

A alguém especial pelo carinho, compreensão, confiança e apoio demonstrado por ouvir as minhas preocupações, fazer superar os meus receios e estar sempre ao meu lado.

Às minhas amigas, aos meus amigos, cujos nomes não menciono, mas sabem que o são, que sempre me apoiaram, e incentivaram em todos os momentos.

Ao Presidente da União de Freguesias do Peso e Vales do Rio as facilidades concedidas no acesso a toda a documentação histórica do Peso.

A todos vós a minha profunda gratidão, o meu sincero agradecimento.

Prefácio

A dissertação “Fontes e Bibliografia da Corda do Rio”, com o subtítulo de “Dominguiso, Vales do Rio, Peso, Coutada e Barco” surge no âmbito do Mestrado em Ciências Documentais; embora seja natural de Macau, resido no Peso desde 1954, terra natal dos meus pais; esta é uma das localidades abrangidas neste estudo, tendo também as outras localidades um cariz especial para mim, por diversos fatores, um dos quais que considero importante, que é ter em cada uma delas, algumas e boas relações de amizade desde a minha juventude; para além disto, em todas elas, numas mais do que noutras, exerci atividade profissional como funcionário administrativo na área da saúde.

Por estes motivos justifico-me com as palavras de Suzanne Daveau¹:

... gerações anteriores podem oferecer de mais útil, condensando a sua experiência, são instrumentos de trabalho, sólidos e claros, mapas, atlas, tratados e manuais básicos, que os ajudem a conceber e usar o ambiente em que vivem - tanto o Mundo em geral como o terrunho onde nasceram ou se criaram. Esta transmissão do saber é obrigação grata, capaz de alegrar quem a pratica e de fazer aceitar o trabalho moroso e minucioso que a preparação de textos, que se querem tão claros e exatos quanto possível, implica.

Como dizia Orlando Ribeiro²:

Um grupo de homens, unidos pela tradição comum, estabelecida, mantida e reforçada durante um longo passado de convivência, pela igualdade do falar, pela expressão dominante que entre eles tomam ideias e afetos, vive, ligado embora por esses laços morais, sobre um pedaço de solo. A configuração e a natureza do território, o ritmo consabido do clima, a vegetação que reveste as planuras e as serras, as culturas que, no decurso do ano, fazem mudar, segundo uma rotina consagrada, a fisionomia dos lugares, o modo como a população se junta ou se dispersa, se adensa ou rarefaz, as maneiras de viver, a animação dos caminhos e dos sítios de convívio constituem, para um país, larga parte da sua expressão nacional. A terra de um povo já não é um simples dado da natureza, mas uma porção de espaço afeiçoado pelas gerações, onde se imprimiram, no decurso do tempo, os cunhos das mais variadas influências. Uma combinação, original e fecunda, de dois elementos: território e civilizações.

¹ RIBEIRO Orlando, LAUTENSACH Hermann, *Geografia de Portugal*, Vol. I p. XII, XIII

² *Ibid.*, p. 25

Resumo

Esta dissertação insere-se na área das Ciências Documentais e tem como propósito, a recolha da bibliografia que foi possível obter sobre a temática da Corda do Rio: Dominguiso, Vales do Rio, Peso, Coutada e Barco. Não se pretende fazer monografia de cada localidade, procuram-se fontes, e apenas se abrevia a informação alcançada e lançam-se pistas para novas pesquisas, e indiciam-se outras informações para quem ambicione estudar e interessar-se pelos factos da cada uma das aldeias; este trabalho não faz levantamentos históricos pormenorizados, nem é a apresentação de uma bibliografia histórica; procura-se alargar o campo para futuras pesquisas em Administração, Demografia, Economia e Desenvolvimento, Geografia, História, Religião, Tradição, Cultura e Associativismo.

Quem queira prosseguir este levantamento sobre estas matérias, encontra facilitada a caminhada inicial, e certamente que o conteúdo resultante de novas pesquisas será enriquecedor para todos.

Palavras-chave

Bibliografia; Corda do Rio; Fontes; Geografia; História; Demografia; Administração; Economia; Desenvolvimento; Religião; Tradição; Cultura; Associativismo; Arquivística; Património.

Resumé

Ce mémoire de maîtrise relève du domaine de la bibliothéconomie et a pour but de réunir la bibliographie possible d'obtenir sur le thème tout au long du cours du fleuve Zêzere: Dominguiso, Vales do Rio, Peso, Coutada e Barco. On ne prétend pas faire la monographie de chaque localité mais chercher des sources d'informations, en abrégant l'information obtenue, lançant des pistes pour des nouvelles recherches et proposant d'autres informations pour ceux qui puisse ambitionner étudier et développer un intérêt pour les faits de chaque localité. Ce travail ne prêtant pas faire une enquête historique détaillée ni une présentation bibliographique historique ; on cherche plus à élargir le champ pour de futures recherches en Administration, Démographie, Économie et Développement, Géographie, Histoire, Religion, Tradition, Culture et Mouvement Associatif.

Qui puisse vouloir poursuivre cette recherche sur ces thèmes, trouvera un départ plus aisé et certainement, le contenu résultant des nouvelles recherches sera profitable pour tous.

Mots Clés

Bibliographie; Long du fleuve; Sources d'informations; Géographie; Histoire; Démographie; Administration; Economie; Développement; Religion; Tradition; Culture; Mouvement Associatif; Archivistique; Patrimoine.

Índice

Dedicatória	iii
Agradecimentos	iv
Prefácio	v
Resumo e Palavras Chave	vi
Resumé e Mots Clés	vii
Índice	viii
Lista de Figuras	xi
Lista de Tabelas	xii
Lista de Acrónimos	xiii
Capítulo 1	
A Geografia	3
1.1- A situação geográfica	3
1.2 - O Clima	6
1.3 - O Relevo	7
1.4 - A hidrologia	8
1.5 - A Fauna e a Flora	14
Capítulo 2	
A História	18
2.1 - Figuras Ilustres	18
2.2 - Os Periódicos	21
2.3 - A Arqueologia	23
2.4- As Lendas	24
	viii

2.5 - As Obras de Arte	26
2.6 - A Documentação Diplomática	28
Capítulo 3	
A Demografia	30
3.1 - As Estatísticas Demográficas	30
3.2 - A Distribuição da População	33
Capítulo 4	
A Administração	35
4.1 - A Administração Civil	35
4.2 - A Administração Religiosa	37
Capítulo 5	
A Economia e seu desenvolvimento	
5.1 - A Agricultura, o comércio e a indústria	42
5.2 - Estradas e Vias de Comunicação	46
5.3 - Feiras e Mercados	46
5.4 - A Questão do Desenvolvimento	46
5.4.1 -A Emigração	48
5.5 - O Turismo	52
Capítulo 6	
A Religião	53
6.1 - Igrejas, capelas e Ermidas	54

6.2 - As Confrarias e as Irmandades	55
6.3 - Festas Religiosas, Procissões e Romarias	57
Capítulo 7	
A Tradição, a Cultura e o Associativismo	60
7.1 - A Origem dos Nomes	60
7.2 - Usos e Costumes	62
7.3 - Os Movimentos Associativos	68
Conclusão	70
Bibliografia	71
Anexos	76

Lista de Figuras

Figura 1 - Cheia no Zêzere em Dezembro de 2000, junto ao Peso	p.9
Figura 2 - Estevas	p.15
Figura 3 - Rosmaninho	p.15
Figura 4 - Cabeçalho do Boletim Informativo da Junta de Freguesia do Peso	p.22
Figura 5 - Responsáveis pela Vanguarda do Peso	p.22
Figura 6 - Cabeçalho do Jornal do Fundão	p.23
Figura 7 - Cabeçalho de Notícias da Covilhã	p.23
Figura 8 - Carta de foro da aldeia de Villa Nova	p.41
Figura 9 - Igreja Paroquial do Peso	p.54
Figura 10 - Capela de Nossa Senhora de la Salette	p.59
Figura 11 - Capela de São Sebastião e bar das festas	p.59
Figura 12 - Peso da lem (Pesinho) e Peso da quem (Peso)	p.61
Figura 13 - Berço antigo de madeira	p.63

Lista de Tabelas

Tabela I - Área e população dos concelhos que constituem a Cova da Beira	p.4
Tabela II - Evolução da população das localidades da Corda do Rio	p.5
Tabela III - Moradores em 1758, segundo as Memórias Paroquiais	p.30
Tabela IV - Nº de fogos e de habitantes nas Sedes de Freguesia	p.31
Tabela V - Recenseamento dos anos de 1900 a 1940	p.32
Tabela VI - Recenseamento dos anos de 1950 a 1991	p.32
Tabela VII - População residente em 2001 e 2011 e sua evolução	p.33
Tabela VIII - População residente, por área, ano de recenseamento, média e densidade populacional	p.34
Tabela IX - Codificação do nome dos municípios e das freguesias	p.35

Lista de Acrónimos

AMC - Arquivo Municipal da Covilhã

AN/TT - Arquivo Nacional/Torre do Tombo

CMC - Câmara Municipal da Covilhã

CMF - Câmara Municipal do Fundão

DFCI - Defesa da Floresta Contra Incêndios

IAFLUC - Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

ICNF - Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas

JF - Jornal do Fundão

NC - Notícias da Covilhã

UBI - Universidade da Beira Interior

INTRODUÇÃO

Fontes e Bibliografia da Corda do Rio - Dominguio, Vales do Rio, Peso, Coutada e Barco - é o fruto de um trabalho intenso de pesquisa documental sobre a zona habitacional mais próxima do rio Zêzere, no concelho da Covilhã.

Sendo esta uma pequena zona geográfica, encravada entre as serras da Estrela e da Gardunha, banhada pelo Zêzere que faz divisão territorial, ainda não muito conhecida, necessário se torna procurar dar-lhe o relevo merecido, porque de “cerca de duas dezenas de estudos de vilas e cidades de todo o Portugal, elaborados no último quartel de século XX, poucos abordaram o mundo beirão.”³ Constatado este facto relativamente a cidades e vilas, cenário mais negro se perspetiva naturalmente em relação a estas pequenas localidades.

Não há conhecimento de monografias feitas sobre qualquer destas aldeias, e porque gostamos tanto desta zona, ficamos com a sensação de que a conhecemos profundamente. Pura mentira! Podemos conhecer até todas as ruas, largos, e becos, mas depois, no aprofundamento daquilo que se esconde do seu passado, chegamos à conclusão de Sócrates, o filósofo grego: “Só sei, que nada sei.”

Torna-se aprazível a descoberta do passado, mas certamente é muito mais agradável, dar a conhece-lo a quem se interessar por estes assuntos, pois a consciência do saber obriga, deveria obrigar, à sua divulgação pública.

Por Portaria de 8 de Novembro de 1847⁴ foi instituída pela Rainha D. Maria Pia, casada com o rei D. Luís I, a existência de um livro denominado *Anais do Município*, no qual se narravam os acontecimentos e feitos para memória futura. Anos mais tarde, e com a intenção de se estudar e conhecer a possibilidade do progresso das regiões em Portugal foi decretada a realização de “Monografias das freguesias rurais.”⁵

É pois uma aspiração antiga, e uma necessidade nos dias que correm, a existência de monografias locais, que devem ser apoiadas por organismos públicos e privados, no sentido de contribuir para o estudo de aprofundamento do conhecimento de todas as regiões; no que concerne à região da Corda do Rio esta necessidade torna-se mais imperiosa na medida em que possibilita o desenvolvimento futuro.

Existem diversos esquemas para elaboração de monografias.⁶ O Professor José Frederico Laranjo apresentou um plano aos seus alunos constando: O Meio Natural; História; O Lugar; A População; A Vida Económica; A Propriedade Imobiliária; Vida Administrativa; Vida Religiosa. Já para Manuel Silva, o esquema de História Local subdivide-se em Fontes Modernas (científicas): Geologia, Antropologia, Arqueologia, Etnografia e Romologia; as Fontes Clássicas (literárias e artísticas): Filologia, Literatura, Diplomática e Arte. Já o antigo Presidente do

³ VICENTE, Maria da Graça, *Covilhã Medieval o Espaço e as Gentes*, p.17

⁴ Diário do Governo nº 267 de 11 de Novembro de 1847

⁵ Decreto de 17 de Julho de 1909 do Ministério das Obras Públicas

⁶ SILVA, Armando B. Malheiro, *Revista Cultural BRACARA AUGUSTA*, separata do Vol. XLIII, p.p. 64/65

Conselho de Ministros do Estado Novo, Marcelo José das Neves Alves Caetano elaborou um plano pormenorizado “que representa apenas um guia do estudante para a elaboração da sua monografia.”⁷ Considera que as principais áreas a referenciar são: I - História do Concelho; II - Vida Económica e Social; III - Vida Administrativa.

Tendo como base estas informações, o trabalho que se apresenta está constituído pelos capítulos de Geografia, História, Demografia, Administração, Economia e Desenvolvimento, Religião, e Tradição, Cultura e Associativismo.

⁷ SILVA, Armando B. Malheiro, *Revista Cultural BRACARA AUGUSTA*, separata do Vol. XLIII, p.p. 66

Capítulo 1

A GEOGRAFIA

A geografia é uma ciência que faz uso de mapas. Estes são recursos para uma base de trabalho, mas que não limitam esta ciência meramente à superfície como área contornada por limites. Orlando Ribeiro era de opinião que “Muitas áreas são destituídas de significado geográfico. Outras, pelo contrário, porque exprimem relações complexas, adquirem-no em alto grau.”⁸ Explicitando-se ainda melhor, o mesmo autor considera que a:

“Integração do *Todo* da natureza (compreendendo o homem), praticando como regra de rigor a observação empírica, estou na posição oposta dos que se dedicam à formulação de conceitos teóricos, que julgam indispensáveis às diretrizes da investigação. Esta maneira de fazer geografia aprendi com os meus mestres de vários países...”⁹.

O homem, ao deparar-se com a imensidão geográfica transforma-a em intimidade, pois o sonho é sempre particular. Só experienciando por nós próprios poderemos tornar possível a observação da imensidão.

A vastidão geográfica não é apenas aquela linha imaginária, ou desenhada nos mapas, que delimitam uma determinada zona; é também o sentir estar lá, perto ou distante, no cimo do monte ou no vale, pela imensidão daquilo que queremos ver, mais com o pensamento do que pelo olhar, meditando, recordando.

Os textos seguintes vão no sentido de procurar desvendar, e dar a conhecer a “Corda do Rio”, a sua região, as suas belezas, as suas gentes, enfim, aspirar a apreender toda a riqueza, no sentido amplo da palavra, desta zona beirã inserida no concelho da Covilhã.

1.1 - SITUAÇÃO GEOGRÁFICA

Em termos administrativos, a Região Centro é composta por 100 municípios. Os municípios encontram-se organizados em oito Comunidades Intermunicipais (CIM), de acordo com a Lei n.º 75/2013, de 12 de setembro, as quais constituem o nível III da Nomenclatura de Unidades Territoriais para Fins Estatísticos (NUTS), aprovada pela Comissão Europeia (Regulamento (UE) n.º 868/2014 da Comissão, de 8 de agosto de 2014): Região de Aveiro,

⁸ Vd. RIBEIRO, Orlando, *Introdução ao estudo da geografia regional*, p. 40

⁹ Vd. RIBEIRO, Orlando, *Opúsculos Geográficos*, Vol. VI, p. 34

Região de Coimbra, Região de Leiria, Viseu Dão Lafões, Beiras e Serra da Estrela, Beira Baixa, Oeste e Médio Tejo.

A COVA DA BEIRA

Disse Orlando Ribeiro: “Admirável de intuição geográfica é o nome aplicado à depressão que jaz entre as Serras da Estrela e da Gardunha: Cova da Beira”.¹⁰

A Cova da Beira é uma concavidade assimétrica, de origem tectónica demarcada a norte e poente pelas Serra da Estrela, a Sul pela Serra da Gardunha, e a nascente pela orla do planalto da Guarda-Sabugal. É uma região de características muito próprias, com uma área de 1374,6 km² e uma população de 85196 habitantes, segundo dados estatísticos de 2013.

Tabela I
Área e população dos concelhos que constituem a Cova da Beira¹¹

Concelho	Área (Km ²)	População 2013
Belmonte	118,8	6698
Covilhã	555,6	50118
Fundão	700,2	28380
TOTAIS	1374,6	85196

Esta ampla área está bem irrigada, principalmente pelo rio Zêzere e os seus afluentes, em que os principais são as ribeiras de Caria, da Meimoa e do Paul. Desta forma se constituíram assim vastos campos de muito boa aptidão agrícola.

A “Corda do Rio” situa-se no concelho da Covilhã, na margem direita do Rio Zêzere, na região denominada Cova da Beira, distrito de Castelo Branco, região Centro¹² (NUT II) e Comunidades Intermunicipais, e do âmbito do CCDRC¹³ (NUT III).

É constituída pelas localidades de Dominguiso, Vales do Rio, Peso, Coutada e Barco, conforme podemos ver nos mapas¹⁴. No mapa nº 4 vemos a situação das localidades de todo o

¹⁰ Vd. RIBEIRO, Orlando, *Opúsculos Geográficos*, Vol. VI, p. 433

¹¹ <http://www.pordata.pt/Municipios>, acedido em 10.02.2016

¹² Vd. Anexos - Mapa 1

¹³ Vd. Anexos - Mapa 2 e 3

concelho, e no mapa nº 5 vemos a localização pormenorizada das aldeias que constituem a “Corda do Rio”.

No quadro seguinte apresentamos a evolução da população das localidades da “Corda do Rio”, nos últimos quatro censos, bem como a área de cada uma delas, e respetiva densidade populacional, a partir de dados obtidos pelo Instituto Nacional de Estatística.

TABELA II
Evolução da população das localidades da Corda do Rio¹⁵

LOCALIDADES	ÁREA	POPULAÇÃO					Densidade por km2
	Ha	1981	1991	2001	2011	Média	
Dominguio	494,90	1 035	>1 154	>1 188	<1 119	1 141	226,10
Vales do Rio	561,18	833	>930	<839	<674	819	120,10
Peso	1 009,86	735	>753	>780	<737	751	72,98
Coutada	1 014,00	486	>497	<476	<406	466	40,03
Barco	1 406,65	775	<753	>576	<473	644	33,62
TOTAIS	4 486,59	3 931	4 087	3 859	3 409	3 821	85,16

A TERRA E O HOMEM

Uma descrição ímpar do cenário aonde se insere a “Corda do Rio” feita por Oliveira Martins (1845 - 1894), reproduz com fidelidade aquilo que se passou nesta zona até há relativamente bem pouco tempo, neste espaço geográfico entre as serras da Estrela e da Gardunha:

“A Serra da Estrela é a mais elevada das cordilheiras portuguesas; é o prolongamento da espinha dorsal da Península; é a divisória das duas metades de Portugal, tão diversas de fisionomia e temperamento; é finalmente como que o coração do país - e acaso nas suas quebradas e declives pelos seus vales e encostas, existe ainda o genuíno representante do Lusitano antigo. Se há um tipo propriamente português; se através dos acasos da história permaneceu puro algum exemplar de uma raça ante - histórica onde possamos filiar-nos, é aí que o havemos de procurar e não entre os Galegos ao

¹⁴ Vd. Anexos - Mapas 4 e 5

¹⁵ Instituto Nacional de Estatística

norte do Douro, nem entre os Turdetanos da costa do sul, nem entre as populações do litoral cruzadas com o sangue de muitas raças e com o sentimentos e costumes das mais variadas nações.

O pastor quase bárbaro dessas cumeadas da serra, a topetar com as nuvens, (1800-2000 metros de altitude), abordado ao seu cajado, vestido de peles, seguindo o rebanho de ovelhas louras, é talvez o descendente dos companheiros de Viriato. Por essas eminências, tapetadas de relva no Estio e de neves no Inverno, nem as árvores se atrevem a subir: só o pastor nómada as habita. Do alto do seu trono de rochas, vê gradualmente ir nascendo a vida pelas encostas: primeiro o zimbro, rasteiro e roído pelo gado, circunda os altos nus; logo aparecem os piornos, as urzes brancas, os carvalhos; depois, já a meia altura da encosta, os castanheiros, as lavouras, e os enxames de aldeias; afinal, na extrema baixa, o lençol de lagunas, tapete de esmeraldas engastadas em fios de brilhantes, que o sol faceta ao espalhar-se no labirinto dos canais. (...)

A exposição oriental ou transmontana das abas da Serra da Estrela e dos serros subalternos da Gardunha dá à província da Beira Baixa um outro aspecto: a maior secura no ar, e as chuvas são menos abundantes; os olivais medram melhor, e os habitantes juntam à vida agrícola a industrial, tecendo as lãs dos rebanhos da Serra com a força das torrentes que se despenham nas quebradas do Vale-do-Zêzere.”¹⁶

1.2 - O CLIMA

Baseado no estudo *Hydrology and Earth System Sciences Updated world map of the Köppen-Geiger climate classification* elaborado por M. C. Peel, B. L. Finlayson, and T. A. McMahon¹⁷, e de acordo com a Classificação Climática de Köppen¹⁸, a zona da “Corda do Rio” está classificada como *Csa*, em que “C” é indicador de grupo, “s” indicativo do tipo e “a” designativo do subtipo.

Ao grupo “C”, pertencem os climas com temperatura do tipo moderado entre 20° - 30°, no qual se considera a temperatura do ar dos três meses mais frios compreendida entre - 3° centígrado negativo e 18° centígrado positivo, bem como a temperatura média do mês mais quente superior a 10° centígrado. Neste grupo, as estações do ano do Verão e do Inverno estão bem definidas.

Ao tipo “s” são atribuídas chuvas durante o Inverno, e ao subtipo “a” é descrito como Verão quente, com temperaturas do ar na ordem de +/- 22° centígrados.

As atribuições do tipo “s” ao subtipo “a” conjugam-se na aplicação ao grupo “C”.

Nos estudos atrás referidos, podemos verificar que da combinação das duas primeiras letras do código “Csa” se obtém o clima em que vivemos nesta zona que estudamos, ou seja,

¹⁶ MARTINS, Oliveira, *A Terra e o Homem*, in PORTUGAL, a terra e o homem, pp. 17-19

¹⁷ Hydrol. Earth Syst. Sci., 11, 1633-1644, 2007

¹⁸ Vd. Anexos - Mapa 6

um clima temperado húmido, de Inverno, com Verão seco, tipicamente de influência mediterrânica.

A referida Classificação Climática de Köppen¹⁹ dá como exemplo toda a zona que em Portugal se situa a sul, cuja linha divisória se inicia junto à foz do rio Tejo, em Lisboa, seguindo depois até Constância, aonde desagua o rio Zêzere; prossegue todo o leito deste rio, passando pela “Corda do Rio”, até Belmonte; finalmente daqui segue em direção ao Sabugal/Quadrzais/Vale de Espinho/Foios/Aldeia do Bispo, até à fronteira, para a localidade espanhola de Navas Frias.

Igual opinião se regista acerca do clima quando se afirma:

“... distinguimos, na bacia do Mediterrâneo e na costa atlântica vizinha, um tipo de clima oceânico, ou tipo *português*, caracterizado por fraca amplitude térmica, chuvas de Outono e de Inverno, Verão com escassez de precipitações, mas durante o qual o ar é húmido”²⁰

1.3 - O RELEVO

A zona da “Corda do Rio” situa-se na Cordilheira Central, que no dizer de Hermann Lautensach “é constituída por dois sistemas montanhosos, separados pelo Zêzere”²¹.

Depois de se referir à morfologia e à sua constituição rochosa, o mesmo autor menciona a localização exata “entre as Serras da Gardunha e da Estrela, estende-se uma bacia de 30 km de comprimento e 12 km de largura máxima, a Cova da Beira, que é atravessada, no sentido longitudinal, pelo Rio Zêzere”²²

A Serra da Estrela “é a montanha mais alta de Portugal Continental, pois culmina a 1993 m de altitude. Pertence à Cordilheira Central, que atravessa o País segundo uma direção nordeste-sudoeste, e é constituída sobretudo por granito e secundariamente por xisto”.²³

Nesta serra nascem os rios Alva, Mondego e Zêzere; este último é o que banha toda a zona da “Corda do Rio”.

A Gardunha, maioritariamente constituída por granito, serve de base a um atividade secular de pastores e rebanhos nas suas periodicidades sazonais: “... il faut nécessairement adopter les divisions qui se prêteront les mieux au classement et à l'interpretation des faits, c'est-à-dire les imprunter à la nature elle-même.”²⁴

¹⁹ Vladimir Köppen (S. Petersburgo 25.9.1846 - Graz 1.7.1940) Climatologista alemão. Foi diretor do observatório oceanográfico de Hamburgo. Investigou a influência do clima nas plantas, de que resultou ter estabelecido uma classificação climática da Terra: *Klassifikation der Klimate* 1918.

²⁰ Vd. MARTONNE et al, *Panorama da Geografia*, p. 242

²¹ Vd. RIBEIRO Orlando, LAUTENSACH Hermann, *Geografia de Portugal*, p. 149

²² Cf. *Ibid.*, p. 151

²³ AMARAL, Ilídio do, *Enciclopédia Geográfica*, p. 257

²⁴ L. Gallois, *Régions naturelles et noms de pays. Étude sur la région parisienne*, p. 2. Lucien Louis Joseph Gallois (21 Fevereiro 1857 - 21 Março 1941) foi Professor-adjunto da Faculdade de Letras da Universidade de Paris, e geógrafo. Traduzimos que é preferível aceitar as divisões que melhor se prestam para a classificação e interpretação dos factos, isto é, o imitar a própria natureza

¹⁸ Tradução livre da minha responsabilidade.

Nestas palavras de Lucien Gallois poderemos inserir também as palavras de Orlando Ribeiro quando frisava que “Todo o estudo geográfico deve conduzir a delimitar áreas e exprimi-las por meio de mapas. Comparando-as, verificam-se analogias cuja causa se deve aprofundar”.²⁵

Foi a partir da investigação sobre influência climática nas plantas que se chegou à conclusão que os climas aonde determinado tipo de plantas se reproduziam era idêntico em qualquer parte do planeta; foi deste estudo que Vladimir Köppen chegou a constituir uma classificação climática da Terra.

Também quando encontramos simultaneidade de tipos de rochas em diversas regiões, os seus habitantes ficam inspirados a atribuírem o mesmo nome à região aonde habitam. Mas não são apenas os fatores climáticos ou de relevo que originam a vida regional. É sobretudo o fator humano que dá vida à região. As montanhas beneficiam a concentração da humidade, que dão origem aos rios, lagos e fontes naturais que sustentam a cultura dos solos, cuja natureza faz desenvolver a agricultura, a pastorícia, bem como toda a atividade agrícola. A ação humana apesar de não poder ter influência no clima, no relevo, ou na qualidade dos solos, desenvolve a vida económica, cria novas paisagens, adapta novas plantas.

Estes três dados, homem, montanha e plantas, embora sejam interdependentes, “foi profundamente alterado pelo homem nas regiões de civilização antiga e de população densa. Destruindo, conservando, criando ou transformando, prolongando a ação da natureza ou contrariando-a, o homem teve sempre de contar com ela.”²⁶

1.4 - A HIDROLOGIA

Estudar os cursos de água é interessante e de fácil apreensão devido até à forma do relevo. As enxurradas que verificamos todos os anos, e que por vezes até podem ter consequências graves, sejam ao nível do desgaste das encostas e, principalmente, na segurança das freguesias, das casas e das pessoas que se localizam nas zonas mais baixas; as cheias são capazes de arrastar muitos hectares de terras num só dia, obrigando as pessoas a tomar consciência deste fenómeno da natureza.

“Ouvia aquele ruído grave, temeroso, que estremecia o chão e que se prolongava pelas paredes da minha casa, das torrentes brutas que esculpam o meu corpo, mas sobretudo a minha alma. Os salgueiros, os freixos e os amieiros que seguravam as margens dos meus *Verdes*, quase desapareciam face ao ímpeto das águas pardas. O barco da *Confraria das Almas* iniciava uma difícil viagem pelo corpo complexo das torrentes, desde o paredão da *Tábuas* até à *Pontaria*.”²⁷

²⁵ Vd. RIBEIRO, Orlando, *Introdução ao estudo da geografia regional*, p. 40

²⁶ Vd. RIBEIRO, Orlando, *Introdução ao estudo da geografia regional*, p. 49

²⁷ ALEIXO, Artur, *Era um sonho, Era uma noite*, p. 20

Não tenhamos dúvida que ligados aos cursos de água se encontra a vida económica, e de lazer, para muita gente; as cheias são um obstáculo quando a fúria das águas devassa todos os terrenos, mas também são riqueza porque fertilizam as terras áridas e tornam-se num manancial de reserva de água para os regadios de Verão.

São precisamente os cursos de água, que nesta zona são conhecidos por rio, quando queremos referir-nos ao Zêzere, e aos ribeiros existentes em todas as localidades, e que cada um deles é conhecido por um nome próprio.

Os melhores terrenos de cultivo são precisamente aqueles que se situam nas margens do rio, e que na Corda do Rio são conhecidos por “lodeiros” devido à enorme quantidade de lodo que os mesmos recebem quando das cheias. Estes terrenos para além de excelente percentagem de fertilidade, com uma boa facilidade de cultivo, são também muito disputados, por terem muitas pessoas interessadas em serem os seus proprietários, e também são muito bem defendidos porque as enchentes do rio podem arrastá-los na corrente; devido a esta possível situação de catástrofe natural, os seus proprietários têm o cuidado de plantarem salgueiras na zona limite dos lodeiros com o curso de água, e deste modo evitam, ou minimizam, os estragos causados pelo aumento do caudal das águas nas épocas chuvosas, nos invernos e primaveras mais rigorosos, como por exemplo se verifica na foto seguinte, da minha autoria e tirada em Dezembro do ano 2000, na zona denominada Verde, no Peso.



Fig. 1 - Cheia no Zêzere em Dezembro de 2000 junto ao Peso

Não há outros fenómenos da geografia física que atraiam tanta atenção e interesse no estudo do que os cursos de água.

É precisamente no estudo físico destes cursos de água que chegamos à compreensão, e obtemos a explicação porque os caudais variam na sua intensidade, porque modificam os terrenos, como moldam o leito dos rios, ribeiros, riachos e até dos lagos; assim também aprendemos como são transportadas pelas águas das correntes as matérias sólidas que vão enriquecer os terrenos para que possam produzir mais e melhor.

Por isso, se afirma que as paisagens se podem modificar, pois não são uma realidade imóvel, ou inalterável, mas sim algo dinâmico que é refletido não só pelas consequências atrás descritas, mas também pelas alterações que o próprio ser humano vai provocando de modo a adaptar-se melhor ao meio em que vive, e obter desse mesmo meio os melhores resultados para os seus próprios interesses.

Depreende-se que qualquer curso de água possui como carácter hidrológico o seguinte: “Primeiro, pelo caudal médio e sua relação com as precipitações que o alimentam; segundo, pelas variações desse caudal, variações dos valores médios mensais que definem o *regime* e variações extremas que dão mínimos (estiagens) e máximos (cheias).”²⁸

A zona da “Corda do Rio” tem cerca de 10 km de comprimento e 8 km de largura o que significa ter uma área de cerca de 80 km².

O rio Zêzere tem um delineamento intrincado, como nos explica Orlando Ribeiro:

“uma série de capturas e de fraturas transversais determinam, a jusante de Manteigas, um curso em zig-zague, sempre encaixado no bloco da Estrela, donde sai, por uma curva harmoniosa, correndo depois num vale quase nada embutido no fundo duma depressão tectónica - A Cova da Beira. A jusante de Barco o rio encaixa-se de novo nas rochas do maciço antigo e segue assim quase até à foz”.²⁹

Contudo, na “Corda do Rio” o Zêzere é tranquilo, correndo mansamente no leito, quando as águas não transvasam com as cheias de Inverno, ou então reduzido a charcas no Verão devido à escassez do precioso líquido.

Existe, na verdade, esta modalidade de classificação em que o leito do rio Zêzere apenas contém dois termos: vales de fundo plano e relevos com vertentes escarpadas.

“Entre os elementos planos podemos destacar, ... a zona compreendida entre as povoações de Alcária, Telhado, na parte meridional...”³⁰ ou seja, esta zona aqui mencionada pertence ao concelho do Fundão, por se situar na margem esquerda do rio Zêzere, ao passo que a zona por nós estudada é precisamente a mesma, só que se localiza na margem direita, e, por conseguinte, pertence ao concelho da Covilhã.

O ilustre geógrafo português, o Professor Dr. Orlando Ribeiro, confirma que a zona da “Corda do Rio” se situa no:

“maior troço plano, com 10 km de largura, estende-se entre Covilhã e Teixoso, dum lado, e Caria, Pêra Boa e Ferro, do outro, separado, pela lomba de Pedra Aguda, de outro troço plano, situado entre Dominguizo e Telhado. Em suma, a Cova da Beira é uma depressão rugosa, formada por elementos planos, acima dos quais se levanta, bruscamente, uma série de relevos descontínuos. O fundo da depressão está situado

²⁸ Vd. MARTONNE, Emmanuel de, et al, *Panorama da Geografia*, Vol. I, p. 399

²⁹ Vd. RIBEIRO, Orlando, *Opúsculos Geográficos*, Vol. III, p. 257

³⁰ Vd. CARVALHO, Pedro C., *Cova da Beira*, p. 23

entre 400 e 500 metros, e as cotas descaem suavemente para SO, de modo que, dos dois elementos planos referidos, o segundo está um tudo-nada mais baixo”.³¹

O concelho da Covilhã está situado em que se situa o espaço que aqui consideramos situa-se em “zona de condensação intensa, e daí o seu clima ser particularmente pluvioso, com precipitação anual superior a 1200 mm.”³²

Existem na “Corda do Rio”, para além do rio Zêzere, outros cursos de água cuja irregularidade nos caudais se relaciona diretamente com as chuvas, pelo que desta forma se verificam mais de uma dezena de cursos de água no Inverno, e que no Verão se transformam em vias pedonais pela não existência da água.

Uma das melhores Memórias Paroquiais que encontrei e que melhor pormenorizam o rio Zêzere é precisamente a que se refere ao Barco³³, e que transcrevo na parte em que se alude ao mesmo rio.

“Rio

*Chamasse este rio Zêzere nasce na serra de estrella, não sei em que sitio
Nasce logo caudalozo, e todo o anno corre, porem no verão leva muito pouca
agoa*

*Não entra nelle Rio algum, só sim muittas ribeiras, junto a Belmonte entra
nele que corre do valle de santto Antam e do santta Cruz, junto á cidade da
goarda, e de Caria de Belmonte corre outra, e do Teixozo e Covilhã corre
outra que junto á quinta de Corjes entra nelle, outra por nome Meimoa que
nelle entra, junto a Alcaria, e do seo nascente the este lugar do Barco não sei
que tenha mais*

*Não he navegável / ainda que podera ser em alguns citios / porem tem barcos
de passagem em tempo de inverno, e neste lugar tem dois. Hû particular, e
outro geral, este he da confraria do Santtissimo Sacramento deste mesmo
lugar. e na freguesia do Pezo tem outro tributario ou pertencente a confraria
do Santtissimo Sacramento da mesma freguesia do Pezo, distante desta hua
legoa*

*He de curço arebattado desde seo nascente the Aldeia do Matto e dali atte
Sylvares corre brando distancia de seis legoas, e dali para baixo em partes
mui caudalozo*

*Corre em seo nascimento do poente para o Nascente, e a maior parte do
curço de Nascente para o poente*

*Cria muito peixe, barbos, bogas, algumas trutas e a maior abundancia de
bordalos*

³¹ Vd. RIBEIRO, Orlando, *Opúsculos Geográficos*, Vol. III, p. 241

³² Vd Plano Municipal D. F. C. I. p. 9

³³ Memórias Paroquiais do Barco

Em todo o tempo se pesca nele, sem que as pescarias seiao notáveis, e a maior frequencia he de verão

As pescarias são livres sendo que neste lugar há hû asude por modo de caneiro que he particular do Reverendo Padre Antonio Baratta e em algumas partes do Rio há taobem outros caneiros pertencentes a particulares pessoas. Suas margens se cultivão na maior parte do Rio tem muito arvoredos em partes sem fructo, menos algumas embarradas de uvas que estes tem na maior parte do seo curço e na parte do Rio que coresponde a distancia de todo este lugar há hua certa ilha a que cerca de hua e outra parte o mesmo Rio muito abundante de salgueirais com suas latadas nos mesmos salgueirais, e fora deles em toda a terra da mesma ilha

Não tem virtude particullar as suas agoas

Em todo o seo curço conserva o mesmo nome sem que haja memoria de que em tempo algum o tivesse diferente.

Vai morrer em o Rio Tejo, e entra nelle na vila de Punhete³⁴

De Silvares para sima não tem cachoeira represa, levada só sim hû asude neste lugar que terá de comprimento oito centos passos que a ser navegavel o impediria

Tem tres pontes de cantaria, hua na villa de valhelhas que me consta ter três olhais, outra a que chamao ponte pedrinha que tem dez olhais e fica no limite do lugar do Tortozendo e a terceira nos lugares do Pedrogão grande e pequeno e não tem senão hû olhal, tem taobem outra ponte de pao a que chamao ponte de Alvares e fica no lemite do lugar de ferro e não me consta que tenha mais

Tem muito moinho, não tem pisois nem outro algum engenho, menos neste lugar que de verão levantao nelle trez noras, e tem taobem nele hum engenho que de inverno serve de lagar de azeite em algum tempo e o mais delle é no verão de Azenha

Não me consta que em tempo algum se tirasse ouro de suas areias, sendo que me dizem terse já dellas tirado algum

Todos os povos usão livremente e sem penção de suas ágoas

Não pude averiguar as legoas que tem sendo que que por certas conjeturas sei que do seo nascente athe o lugar de Pedrogão terá vinte ou vinte huã léguas

As povoações por onde pasa são muitas e as que pude saber são as seguintes, Manteigas, Sameiro, Val de moreira, Valhelhas, Aldeia do mato, Belmonte, orjais, Alcaria, Dominguiso, Pezo, Pezinho, Barco, Orondo, Silvares, Barroca,

³¹ Atual Vila de Constança

*Dornelas, Carregal, Porto de Vacas, outeiro, Janeiro deSima, Janeiro
debaixo, Adomoço, Cambas, Alvaro, Alvares, Pedrogão*

*E não tenho notticia de que neste rio haja couza nottavel de que possa dar
notticia*

*Isto he o que posso responder aos interrogatorios que se perguntao sobre
esta terra, e serra e Rio, tanto porque não tendo notticia de que haja alguã
outra couza memoranda de que possa avisar, como por que nem as pessoas
com quem me informei para dar esta resposta ma informarão que havella a
daria com a mesma verdade e clareza com que respondo Barco ³⁵ 12 de Abril
digo de Março 12*



O Cura Manuel Távora de Mesquita

Acerca do ouro encontrado no rio Zêzere, as Memórias Paroquiais do Peso, Barco, Dominguiso e até da Covilhã relatam a existência de ouro nas areias do rio. Vejamos o que nos transmitem as mesmas:

PESO

Ao 27º

*Não ha em toda esta freguesia cousa alguma digna de memoria, mais do que
o que se observa, em hum sitio junto desta terra, chamado de barros; e de
que semeando-se de senteio, ou trigo / como se costuma cada dois anos /
pello meio distancia ou largura de vara e meia, não produz, não. obstante
que nasce e no tempo, em que há de principiar a tomar espiga, perde a cor e
se torna amarello; dizem ser a causa, o ter por ali pasiado huma grade de
ouro; o que só consta por tradição antiga.*

*Há outro sitio chamado A Charnequa em hum valle, junto a esta terra,
proxima a este corre a estrada que vai desta mesma terra para o lugar dos
Valles, no qual esta huma pequena barroca, donde se tem tirado algum ouro
há muntos anos, athe o presente e neste se virão homens na deligencia de o
tirar, candyando a terra em pratos, e desta sorte ajuntam algum, mas em
pouca quantidade e munto meudo.*

³⁵ Sinal cristão do documento

BARCO

Não me consta que em tempo algum se tirasse ouro de suas areias, sendo que me dizem terse já dellas tirado algum.

DOMINGUISO

Hem algum tempo se tirou ouro das suas areias

COVILHÃ

Consta que em algum tempo em vários cittios tanto do Rio, como das Ribeiras se costumou tirar ouro; e em o cittio junto ao mesmo Rio Zezere no limite do lugar do Pezo há huma planície de terras cultivadas e nellas huma barroca, chamada de ouro e hé sem duvidas que nella se tem tirado e se pode tirar ahinda agora, como se tem visto a alguns homens, que o andam tirando, com humas bandejas de páo, e alem disto neste mesmo cittio, junto a hum Riobeyro haverá quarenta anos se descobrio hum forno sobterraneo cheyo de terra misturada com ouro, que se nam aproveytou por nam haver quem o soubesse porificar.

1.5 - A FAUNA E A FLORA

Na realidade a zona que estudamos é uma zona rica de fauna e flora, “terra de soutos, carvalhais e pomares, de pomares, hortas e milhos de regadio, viçosa das águas que recolhe em grande abundância das serranias que a cercam.”³⁶

A “Corda do Rio” é uma área privilegiada de transição entre as serranias a norte e a planície a sul, pois situa-se entre o Parque Natural da Serra da Estrela e a Paisagem Protegida Regional da Serra da Gardunha. O clima das serras da Estrela e da Gardunha têm uma enorme interferência nas faixas geográficas que as circundam quer a norte, quer a sul; verificamos esta influência climática em todas as épocas, e também verificamos na própria vegetação,

“enquanto o carvalho roble, o carvalho negral, o castanheiro e o pinheiro marítimo associam-se em regra ao norte, a azinheira, a oliveira, o sobreiro, o carvalho cerquinho, o pinheiro marítimo e o pinheiro manso juntam-se no sul formando o tipo especial de vegetação.”³⁷

No espaço estudado poderemos confirmar a existência de uma imensa variedade de povoamento arbóreo, assim como de grande multiplicidade de fauna terrestre e aquática.

Ao redor do rio, assim como de outros pequenos cursos de água existentes, poderemos encontrar plantações de milho, feijão, grão, batatas, e outros legumes; observamos vegetação ripícola como os amieiros, salgueiros, (*Salix sp.*) choupos, freixos, (*Fraxinus sp.*)

³⁶ Vd. RIBEIRO, Orlando, *Opúsculos Geográficos*, Vol. VI, p. 433

³⁷ RIBEIRO, Orlando, *Opúsculos Geográficos*, Vol. VI, p. 167

tojos, juncos e fetos; nas outras zonas observamos também plantações de cereais como o trigo e o centeio, e árvores como sobreiros, (*Quercus suber*), carvalho negral, (*Quercus faginea*), azinheiras, castanheiros, nogueiras, pinheiros bravos, (*Pinus-pinaster*) pinheiros mansos, (*Pinus pinea*) oliveiras, videiras, figueiras, cerejeiras, macieiras, pereiras, eucaliptos, (*Eucalyptus sp.*) ciprestes, assim como vegetação mais rasteira como as estevas, urzes, (*Erica sp.*) carquejas, giestas, alecrim, azevinho, rosmaninho, soagem, pipilros, entre outras plantas.



Fig. 2 - Estevas



Fig. 3 – Rosmaninho

“A multiplicidade dos pequenos regadios, captando as águas que os Invernos chuvosos acumulam no subsolo, leva bastante alto, nos planaltos e encostas, a cultura do milho, da batata, das hortaliças. A vinha e as árvores de fruto vegetam bem até altitudes elevadas.”³⁸

No próprio rio, e em alguns afluentes que conseguem conservar água ao longo de todo o ano, podemos ver carpas, trutas, achigãs, bogas, bordalos, barbos e pardelhas,

“mas o sável, a lampreia e as enguias ou eirós, vivos na boa memória dos nossos avós, por migradores, desapareceram incapazes de subir os paredões dos sistemas de barragens, sem as alternativas laterais, em levadas elevatórias possíveis, que os responsáveis de ontem e os de hoje teimam em fazer-nos esquecer.”³⁹

No que se refere à presença de animais poderemos encontrar aqueles que consideramos domésticos como os gatos, cães, coelhos, galinhas, perus, ovelhas, cabras, entre outros, mas também existem os chamados animais bravos como as lebres, coelhos, raposas, lobos, javalis (porcos bravos).

“As corças, os cervos e os veados, testemunhados no século XVIII, nas serras que rodeiam a Cova da Beira, desapareceram ao mesmo tempo que os soutos, embora recentemente introduzidos em áreas protegidas. O mesmo parece ter acontecido com os lince, os gatos monteses ou tourões e as papalvas.”⁴⁰

Para além destas animais mencionados a Corda do Rio continua a ser uma terra regalada com uma enorme diversidade de aves como os pardais, andorinhas, carriças, piscos,

³⁸ SANTA-RITTA, Gonçalo, PORTUGAL, a expressão da paisagem, p. 72

³⁹ PEREIRA, António dos Santos, *Portugal Adentro*, p. 47

⁴⁰ PEREIRA, António dos Santos, *Portugal Adentro*, p. 47

taralhões, melros, perdizes, rolas, pombos bravos, cotovias, alvéolas, pegas, pica-paus, águias, mochos, corujas, rouxinóis, pintassilgos, toutinegras, tentilhões, poupas, cucos, estorninhos, tordos, papa-figos, e muitas outras aves.

Torna-se necessário haver um cuidado constante na preservação da biodiversidade desta zona, para que possamos manter a esperança de podermos continuar a viver nesta espécie de pequeno paraíso terreno. Todos os habitantes desta zona estarão recordados, e a memória perpetuar-se-á ainda por muitos anos, com o “inferno” que aqui se viveu no dia 15 de Agosto de 2013, uma 5ª feira, quando houve o maior incêndio de que há memória na Corda do Rio. Teve início na Coutada, cerca das 13,00 horas e alastrou a todas as localidades da zona, na margem direita do Rio Zêzere, como também à margem esquerda do mesmo rio, freguesia de Alcaria, e povoação do Pesinho, concelho do Fundão. Arderam 356 ha (trezentos cinquenta e seis hectares) nas povoações e mais 613 ha (seiscentos e treze hectares) de mato.⁴¹ Para além de todo este prejuízo há a registar também a perda de uma vida humana, de um bombeiro pertencente à corporação dos Bombeiros Voluntários da Covilhã, Pedro Miguel Jesus Rodrigues.

Há alguns anos houve um outro grave problema em que foram perdidas duas vidas humanas devido a alterações climáticas. Referimo-nos concretamente à tragédia ocorrida numa barca que fazia o transporte de pessoas entre Alcaria e Dominguiso, pois nessa data, 27 de Janeiro de 1958 ainda não existia a ponte, em que perderam a vida duas jovens de Vales do Rio, que levadas pelo pânico tentaram saltar para a margem, sendo arrastadas pela corrente. Deveu-se ao sangue frio e coragem dos barqueiros João Mendes Moreira e José Augusto Machado o número de vítimas não ser maior. O Jornal do Fundão relatou do seguinte modo a tragédia:

«Anoitecia, na passada segunda-feira. A pequena barca, que faz a passagem entre Alcaria e Dominguiso, ia efectuar o último serviço. As águas do rio estavam a engrossar, em cada minuto, com a chuva persistente que caía, e havia que prever o pior.

(...) a barca fez-se ao largo, rumo ao paredão da outra banda.

(...) quando a primeira tentativa de atracar se frustrou, e as varas falharam, logo se adivinhou coisa má (...). Na confusão, seis pessoas saltaram para a água, duas morreram».⁴²

Levamos dito que a riqueza biológica deste espaço, impõe ações de preservação da biodiversidade. A legislação comunitária tem por base dois textos: as diretivas “Aves”⁴³ e “Habitats”⁴⁴. Estas duas diretivas estabelecem a salvaguarda dos habitats naturais das

⁴¹ I. C. N. F. acedido às 10,07 h do dia 05-12-2015

⁴² *Jornal do Fundão*, nº 603, de 2 de Fevereiro de 1958

⁴³ Diretiva 79/409/CEE do Conselho, de 2 abril de 1979 relativa à conservação das aves selvagens

⁴⁴ Diretiva 92/43/CEE do Conselho, de 21 Maio de 1992 relativa à preservação dos habitats naturais e da fauna e da flora selvagem selvagens.

espécies da fauna e da flora, nomeadamente por meio de criação de uma rede europeia de sítios protegidos.

Adotada em 1979, a diretiva “Aves” tem por objectivo a protecção e gestão a longo prazo de todas as espécies de aves vivendo no estado selvagem no território comunitário, bem como dos respectivos habitats.

A diretiva “Habitats”, adotada em 1992, ano da cimeira do Rio sobre ambiente e desenvolvimento, constitui a principal disposição comunitária a favor da biodiversidade. Esta diretiva estabelece a obrigação de preservar os habitats e as espécies classificadas como de interesse comunitário.

Existem planos de Defesa da Floresta Contra Incêndios: nacional, distrital e municipal.⁴⁵

⁴⁵ I. C. N. F. acedido às 10,28 h do dia 05-12-2015

Capítulo 2

A HISTÓRIA

A história serve para compreender e guardar as recordações das origens culturais de uma região para asserção da sua identidade, para compreender as suas proveniências, e conservar vivos os usos e costumes das populações locais, porque “A História não é somente feita por heróis, nem se resume a uma análise cronológica.”⁴⁶

A história ganha sentido e utilidade porque considera não só o ser humano, mas também a comunidade, assim como as afinidades sociais que ali se constituem; assim melhor se concebem as existências memoráveis de determinada zona ou povoação no tempo e no espaço, nos quais as populações erigiram as suas próprias identidades. Como escrevia Cesar Cantu no seu ensaio biográfico-literário: “ A história não pode estudar o homem que nos pinta alguns fantasistas; há-de estudar o homem como é na realidade.”⁴⁷

2.1 - FIGURAS ILUSTRES

O aprofundamento da História do espaço em causa deve ter sempre em conta as comunidades que ali viveram e as respetivas vivências quotidianas e as fontes não faltam como indicaremos adiante, deixamos todavia aqui um elenco de figuras, algumas ilustres e outras típicas, relevantes para estudos prosopográficos:

António Gil Morão nasceu no Peso a 26 de Março de 1925 e faleceu às 11,00 horas do dia 13 de Fevereiro de 1997 no Hospital do Instituto Português de Oncologia de Lisboa, tendo sido sepultado às 17,00 horas do dia 14 de Fevereiro de 1997 no cemitério do Fundão:

“Com um percurso notável no mundo eclesial e da cultura, como lembram os textos que hoje publicamos, teve papel destacado como professor dos Seminários do Fundão e da Guarda, e deixou nas freguesias de Malpartida e da Orca, que parouquiu, o traço de um raro empenhamento. Jornalista e chefe de redacção do «Jornal do Fundão» teve uma acção cultural de relevo e uma intervenção cívica de grande coragem e frontalidade. Exerceu actividades docentes na Escola do Magistério e na Escola Secundária. Viveu sempre os problemas do Fundão com grande intensidade e essa

⁴⁶ PEREIRA, Ana Catarina, *Estudo do Tecido Operário Têxtil da Cova da Beira*, p. 5

⁴⁴ CANTU, Cesar, *Os últimos trinta anos (1848 a 1878)*, p. 329

disponibilidade levou-o mesmo à presidência da Associação Desportiva do Fundão, antes do 25 de Abril.

Em 1978, vai para a Alemanha, onde é professor de português. Quando regressa, nos anos 80, volta à Secundária do Fundão, onde se aposenta como professor.”⁴⁸

Com o título “António Morão, terra de asilo” foi publicado no Jornal do Fundão:

“Meu caro Morão, terra de asilo, de tantos a quem ensinaste que a vara da palavra fende as muralhas, da rocha faz jorrar água e da prisão um canto à liberdade.

(...)

É difícil encontrar tanto homem num homem só:

Não se pode meter um oceano num rio nem uma floresta num horto.”⁴⁹

José Antunes Franco foi um poeta nascido no Peso em 7 de Agosto de 1903, filho legítimo, primeiro de Manoel Ferreira Franco, barbeiro do Peso, e Maria Rosária de Matos, natural do Dominguio. Os pais casaram-se no Dominguio e foram paroquianos do Peso. Foi neto paterno de António de Almeida Franco, almocreve de profissão, e de Ana Ferreira. Neto materno de José Antunes Simão e Maria Rosária; faleceu em Santa Maria, Covilhã, a 9 de Julho de 1931. Por iniciativa da Coordenadora Distrital da Extensão Educativa de Castelo Branco, “foi feita recolha dos seus poemas e editados num livro.”⁵⁰

Uma outra figura preponderante nestas localidades da Corda do Rio, mas que não era natural de nenhuma delas, era o Tonho da Aldeia, também conhecido por Tonho das Baracitas, Tonho Maranhão, e ainda Tonho Coitado. O seu verdadeiro nome era **António Afonso Ramos**. Nasceu em Aldeia do Bispo, concelho de Penamacor e faleceu em 15 de Agosto de 1997, na localidade de Aranhas, concelho de Penamacor. Foi um verdadeiro caminheiro andante. Tonho da aldeia, quase conseguia sozinho reproduzir o som da banda: tátárátátatchim, pópópótchim, tátárátátatchim, pópópótchim... Foi visto, muitas vezes, por toda esta zona da “Corda do Rio” e não só; rezam as crónicas⁵¹ que chegou a ser visto em Lamego, a norte, e em Portalegre a sul e todo o distrito o conhecia. Figura ímpar, usava as calças pelo tornozelo, trazendo sempre um santo⁵² suspenso numa pequena tábuca que segurava à camisa com um alfinete. Os pés

⁴⁵ JORNAL DO FUNDÃO, nº 2635 de 21 de Fevereiro de 1997, p. 15

⁴⁹ FIGUEIRA, Belmiro Narino, *Jornal do Fundão*, nº 2638 de 14 de Março de 1997, p. “Actualidade”.

⁵⁰ FLORINDA-Revista Cultural da C.M.C., Ano 3, nº 7, p. 33

⁵¹ «Memória, Memórias...», opinião de João Aristides Duarte akapunkrural@gmail.com e também em <http://capeiaarraiana.pt/2009/11/23/figuras-tipicas-2-tonho-daldeia/> consultado dia 11 de Janeiro de 2016 pelas 11,28 h.

⁵² As imagens que Tonho das Baracitas trazia ao peito eram de S. Bartolomeu, Nossa Senhora de Fátima com os 3 pastorinhos, e uma outra que trocava consoante o local aonde permanecia alguns dias. Por exemplo, no Peso trazia a Senhora de la Salette, nos Vales do Rio trazia o Santo António, no Dominguio era a imagem do Espírito Santo, na Coutada a representação de S. Sebastião, e no Barco poderíamos vê-lo com a figura de S. Simão.

cheios de tarro, por falta de água, dentro de uns sapatos maiores que os pés, transportava uma vasilha de alumínio ao peito, que anos mais tarde foi substituída por uma *botella*⁵³ de vinho. Às costas, trazia uma sacola aonde guardava as coisas que lhe davam. Tinha sempre consigo um canivete ligado à presilha das calças, por barações; aliás, este apetrecho de barações, que lhe enchiam os bolsos do casaco, deu-lhe o apelido de “Tonho das baracitas”. Era vítima de uma deformação acentuada na coluna dorsal e a mão direita não tinha três dedos, devido a um acidente provocado pelo rebentamento de uma bomba de foguete numa festa em honra de S. Bartolomeu na sua terra natal. Tinha por hábito espirrar com muita força, não porque andasse constipado, mas para assustar as crianças que dele se abeiravam. Quando aparecia alguma jovem, ele dizia sempre que ela era muito bonita, perguntava-lhe como se chamava, e depois começava a dizer os versos:

"Vou cantar uma cantiga,
Vou cantar uma cantiguinha
Á menina (dizia o nome dela)
Que é uma boa rapariguinha.

É uma boa rapariguinha
Está coberta com um véu
Eu gosto muito dela
É um anjinho do céu".

De outras pessoas notáveis do Dominguiso. Fica aqui o elenco:

António Henriques Simões, empresário; António José Marques Casteleiro, artista plástico; D. Ana Bárbara Proença Ginjal; D. Teresa Alexandrina Almeida Pais Castelo Branco, viscondessa; Ezequiel Guilherme Pais, empresário; João José Castelo Branco; Joaquim Simões Freches, professor; José Augusto Castelo Branco; José Santos Aguilar, artista plástico; Manuel Aguilar, artista plástico; Maria de Lurdes André Pais, professora; Maria Nazaré Oliveira Matos Simões, professora; Maria do Rosário Daniel Varandas Antunes artista plástico; Sandra Cristina Ferreira Pissarra, artista plástico e Silvestre João Pais de Castelo Branco.

Entre as pessoas notáveis de Vales do Rio, contam-se

Agostinho Jerónimo Júnior, condecorado na 1ª Grande Guerra Mundial; Capitão Nunes; Firmino Aguilar, industrial de azeite com o 1º lugar na zona; Joaquim Nunes Aguilar; Joaquim Pedro de Oliveira; Manuel Paulo Honório,

⁵³ Termo espanhol que se refere a uma vasilha, fabricada em Espanha, feita de pele de animal para transporte de líquidos.

industrial de confeção de peles; Maria Cândida Silveira Nunes, médica analista que ofereceu o terreno para o cemitério.

Pessoas notáveis do Peso foram:

Aníbal José Pereira Casteleiro, que faleceu em combate em Moçambique; António Alves Morais, ator; António Pereira que combateu na II Grande Guerra; António Pires dos Santos, ator; Blandina Augusta Pinto Pereira, professora; Carlos Manuel Silva Bouceiro Mendes, 1º Presidente da AAUBI; José Paulo dos Santos, que faleceu em combate em Angola; Manuel Alfredo Aleixo, que faleceu em combate na Guiné.

Deixamos o nome de duas das muitas pessoas notáveis da Coutada:

António Bernardo Barrocas, artista plástico; António dos Reis Morais, que faleceu em Combate em Angola.

Outras pessoas notáveis de Barco foram

César Gonçalves de Brito Duarte, futebolista; Lucília Mendes Marques Gonçalves Lopes Simões, artista plástica.

2.2 - OS PERIÓDICOS

Os únicos periódicos de que há notícia na Corda do Rio foram publicados no Peso. O mais antigo foi o boletim paroquial Mensagem, de publicação mensal com características religiosas e de notícias pessoais referentes aos naturais e residentes na Paróquia de Santa Maria Madalena que é constituída pelas localidades de Peso, Pesinho e Vales do Rio. Contou pelo menos 126 números desde 1962 a 1972, como consta no catálogo da Rede das Bibliotecas de Lisboa com a cota J. 877 V e no catálogo da BNP com a cota J. 2276 V. Foi seu fundador o Rev. P. Mário Bizarro da Nave, pároco que exerceu as funções durante 55 anos, mais concretamente entre o dia 9 de Novembro de 1959 até 30 de Novembro de 2015. Fundamentalmente esta publicação servia como meio de ligação entre as populações residentes que constituem a Paróquia, e os naturais destas localidades e que se encontravam ausentes do torrão natal por motivos de emigração, ou que prestavam serviço militar nas antigas colónias portuguesas.

Uma outra publicação, “A Vanguarda do Peso” era o boletim informativo da Junta de Freguesia do Peso, foi fundado em 1 de Abril de 1990 e terminou com o mandato de quem o criou, em Dezembro de 1993, o autor desta dissertação.



DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Fig. 4 - Cabeçalho do Boletim Informativo da Junta de Freguesia do Peso

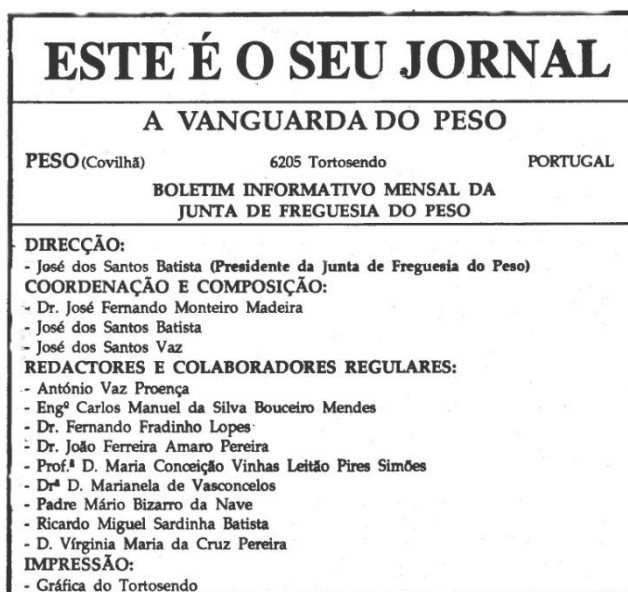


Fig. 5 - Responsáveis pela Vanguarda do Peso

Para além destes jornais temos de destacar pela sua importância o Jornal do Fundão, e o Notícias da Covilhã que são preciosas fontes de informação de dados relativos ao que se passou em décadas anteriores na zona da Corda do Rio.



Fig. 6 - Cabeçalho do J F

O J F foi fundado no [Fundão](#) em [1946](#) por António Paulouro, cuja família era proprietária do semanário, sendo agora seu diretor interino Nuno Francisco, professor universitário na UBI.

Na época da ditadura fascista, o J F foi sujeito a uma rigorosa e severa vigilância política. Em 1965, esteve suspenso durante seis meses, foi multado, e obrigado a apresentar as provas de revisão para publicação à delegação de Lisboa dos Serviços de Censura e não de Castelo Branco. Retomou a normalidade em fins de Novembro de 1965, após várias exposições do seu diretor ao Presidente do Conselho que à época era António de Oliveira Salazar.



Fig. 7 - Cabeçalho do N C

O N C é o semanário mais antigo do distrito de Castelo Branco, propriedade da Diocese da Guarda, pois é o órgão oficial da diocese, e foi fundado em 1913. O P. Fernando Brito é o seu atual diretor.

2.3 - A ARQUEOLOGIA

Na localidade do Barco existem as ruínas de um antigo castro ou castelo numa elevação da Serra da Gardunha conhecida por Cabeço da Argemela e que outrora era chamado por “Cabeço-dos-Mouros”.

“No topo do outeiro chamado Cabeço dos Mouros, cota 440 m., a 1 km., a norte da margem direita do Zêzere a 0,8 km., a sudoeste da povoação de Aldeia-do-Barco, existem os vestígios de uma antiga fortaleza, mas que já não é fácil identificar. É possível, como mera hipótese, que houvesse começado por uma fortaleza lusitana que

os romanos teriam transformado em castro ou castelo para servir de guarda na passagem do rio.”⁵⁴

Supõe-se a atual freguesia do Peso assente em parte em antigo *castro*. O conjunto de edificações existentes na zona central evoluiu a partir daquele. Hoje ainda ali encontramos paredes em alvenaria de xisto, que é a pedra da região, assim como os balcões externos das casas e as varandas em madeira.

Estes conjuntos de casas localizam-se na zona conhecida como *Fundo do Povo*, compreendida entre a Igreja Matriz, Capela do Divino Espírito Santo e o primitivo cemitério paroquial, e foi uma zona preservada de novas construções, ou de reabilitações das antigas casas que se sentiu na segunda metade dos anos 60 do século passado.

2.4 - AS LENDAS

A ciência tem-nos feito interpretar cada vez melhor o fenómeno da natureza, todavia o povo antigamente não deixava de inserir os mesmos em um conjunto noético que o auxiliava a viver mais tranquilo consigo e o mundo. Por exemplo, quanto aos *Borborinhos*, movimentações circulares, em forma de espiral, e rápidas do vento, conhecidos por remoinhos de vento, os nossos antepassados pensavam que a sua origem era devida aos espíritos que andavam à solta, cá na terra. Na zona da “Corda do Rio” há conhecimento de que quando havia estes fenómenos atmosféricos se devia invocar o auxílio divino, dizendo algo, para que o *borborinho* se acalmasse.

A tradição no Barco, por exemplo, aconselhava a que se dissesse o seguinte:

«Três raios levam o Sol
Três raios levam a Lua
Arrebenta diabo infernal
Que esta alma não é tua.»⁵⁵

Há lendas que são conhecidas na região da Corda do Rio. No Barco, o Cabeço da Argemela, no qual existem ainda vestígios de vida romana, conforme abordamos no tema anterior, conta-nos Pinho Leal:⁵⁶

“É curiosa a tradição sobre a etymologia do nome d’este monte.

⁵⁴ João de Almeida, General, *Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses*, Vol. I, Lisboa, 1945, p. 416.

⁵⁵ SALVADO Maria Adelaide Neto, *Remoinhos, ventos e tempos da Beira*, edição da autora, Castelo Branco, 2000, p. 47.

⁵⁶ LEAL, Augusto Soares d’Azevedo Barbosa de Pinho, *Portugal Antigo e Moderno*, Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, Lisboa, 1873, volume 1º, pp. 333/334.

Diz ella, que, uma lusitana cahida em poder dos romanos, na véspera do seu casamento, foi levada ao dito *castro* e ahi a quizeram obrigar a declarar a guarida do seu desposado, ao que ella heroicamente se recusou, sendo por isso queimada. Por muitos annos se ouviram gemidos que pareciam vir do monte, e os que os ouviam, diziam: *no ar geme ella!* E lá ficou ao tal pico o nome de *Argemella*.”

No Peso é conhecida a lenda da “Moura encantada do Peso” que narra um episódio ocorrido em 1147 quando da tomada de Lisboa aos mouros, que terminou no Peso com a chegada de um soldado que ficara ferido em combate, e que fora acompanhado durante a viagem por uma moura encantada:

“Olho para o meu braço e eu próprio fico espantado. A ferida estava cicatrizada! Aquela água e aquele Sol foram maravilhosos, milagrosos! Aldora perdera o seu poder do encanto, mas sentia-se mais encantadora, mais bela do que nunca. Resolvemos então passar a viver no Peso, no Cabeço da Seara, perto daquela fonte e do local aonde Aldora me tinha dito que se iriam realizar os festejos anuais do Peso.”⁵⁷

Esta fonte foi reconstruída pela Junta de Freguesia do Peso, com o apoio da ADERES/LEADER II, Câmara Municipal da Covilhã e Junta de Freguesia do Peso, e inaugurada no dia 17 de Outubro de 1999 e ficou denominada a “Fonte dos Namorados”, e no Cabeço da Seara em 1897 foi concluída a construção da Capela dedicada a Nossa Senhora de la Salette aonde se celebram todos os anos, no segundo domingo do mês de Setembro, os maiores festejos do Peso.

Existe documentação datada de Julho de 1897 no Arquivo Municipal da Covilhã sobre esta mesma fonte, quando esteve para ser demolida devido à construção da estrada Tortosendo - Barco; contudo, um “Offício da Junta de Parochia e regedor do Pezo, comunicando que aquela povoação não está resolvida a dar trabalho algum para a mudança pedida da fonte pública, preferindo que a fonte fique no estado em que estava”.⁵⁸

Há uma lenda no Peso que fala de um almocreve que atravessou o rio Zêzere entre o Peso e o Pesinho; durante a travessia perdeu parte das coisas que levava, pelo que terá dito “que pesinho” teriam os sacos que transportava. Contudo esta lenda não tem nenhum fundamento, nem sequer no que se refere à toponímia destas localidades, cujo assunto abordaremos no capítulo adequado.

No Dominguio existe uma lenda sobre o Divino Mártir S. Sebastião⁵⁹ que livrou a povoação das invasões francesas, pois o exército francês ao passar perto da Capela não viu que estavam próximos de uma localidade, visto que naquele momento se abateu sobre aquela área um nevoeiro típico, muito denso, e apenas sentiram galos cantar e julgaram que estavam numa zona de simples quintarolas.

⁵⁷ BAPTISTA José Santos, *Belos Campos em Flor*, Associação da Juventude do Peso, Peso, 2000, p. 85.

⁵⁸ Livro de Actas da Câmara Municipal da Covilhã, nº 38 (1896-1900), p.p. 129 a 131.

⁵⁹ <http://dominguio.paginas.sapo.pt/index.html> (acedida em 12 /02/2016, pelas 09,50).

2.5 - AS OBRAS DE ARTE

Existem na Corda do Rio três importantes obras de arte, para além de outras, que são as Pontes sobre o Zêzere. Situam-se nas extremidades e no centro da zona que estudamos: Dominguiso, Peso e Barco. Começamos pela mais antiga, a do Barco, que foi inaugurada em 5 de Junho de 1955, pois era um local aonde as pessoas atravessavam entre as margens do rio Zêzere para a realização dos seus trabalhos agrícolas. Depois foi construída a Ponte entre o Dominguiso e Alcaria, no ano de 1990 cuja inauguração nunca foi feita. Existe apenas a inauguração da estrada de acesso do Dominguiso à Ponte, que foi feita no dia 4 de Dezembro de 1993. Finalmente a Ponte do Peso - Pesinho foi inaugurada no dia 27 de Julho de 2003 pelo então 1º Ministro Dr. José Manuel Durão Barroso, sendo Presidente de Câmara da Covilhã o Dr. Carlos Alberto Pinto e o Presidente de Câmara do Fundão o Dr. Manuel Joaquim Frexes, e como Presidente de Junta do Peso era o Sr. Fernando José Gonçalves Casteleira.

Outras obras de arte que poderemos visitar nas localidades abrangentes pela Corda do Rio.

No Dominguiso⁶⁰:

- Igreja Matriz;
- Capela de S. Sebastião;
- Monumento ao Farrapeiro;
- Casa de Silvestre Castelo Branco.

Em Vales do Rio⁶¹:

- Igreja Matriz;
- Capela de Santa Margarida;
- Fonte Velha;
- Chafariz.

No Peso⁶²:

- Igreja Matriz;
- Capela do Santíssimo (Antiga Igreja Matriz);
- Casa mortuária;
- Santuário de Nossa Senhora de la Salette;
- Capela do Divino Espírito Santo;
- Capela do Senhor dos Passos;
- Fonte dos Namorados (Fonte de mergulho);
- Fonte do Ribeiro da Canada (Fonte de mergulho);

⁶⁰ Dicionário Enciclopédico das Freguesias, Vol.4, p. 140

⁶¹ Idem, p. 153

⁶² Idem, p. 145

- Chafariz das duas bicas;
- Azenha do Braçal;
- Casario tradicional.

Na Coutada⁶³:

- Igreja Matriz;
- Calvário;
- Capela de S. Sebastião;
- Fonte Velha;
- Casa mortuária;
- Lagares de azeite

No BARCO⁶⁴:

- Igreja Matriz;
- Fonte romana;
- Alminhas;
- Centro Social;
- Castro Romano

No Peso existe também uma obra de arte construída em 1923 em pedra de cantaria, que é o Chafariz das 2 Bicas, que se situa no largo central que agora se designa por Largo 25 de Abril de 1974.

A Igreja matriz do Peso é dedicada a Santa Maria Madalena, orago da paróquia. Temos conhecimento de um tombo dos bens da mesma levado a cabo em 1857⁶⁵:

“Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil sete centos e sincoenta e sete annos aos dezaceis dias do mez desetembro do dito anno em este Lugar do Pezo Termo da Notável villa de Covilhãe, em as Casas de aposentadoria em que estava pousado o Doutor Manoel Alvaro de Oliveira Juiz deste Tombo aonde veio a requerimento do Reverendo Prior de Santa Maria Magdalena o Doutor Antonio Alvares da Costa para se lhe aver de continuar o tombo dos bens e fazendas que pertencião á sua Igreja, à qual este Lugar e toda a sua Freguesia he annexa, e paga dízimos á mesma dita sua Igreja, em virtude do qual requerimento mandou que se procedese na averiguação de tudo o que pertencia à dita sua Igreja, e de seus bens, e rendimentos, se fizesse declaração, e medição, e todas as mais diligencias necessárias, e que para tudo fossem citadas as partes, de que fiz este auto de termo de assentada que o dito Juiz assignou com o dito Reverendo Prior, e eu Francisco Corte Real Roballo Escrivão deste Tombo que o escrevi e assignei = Oliveira = Francisco Freire Corte Real Roballo = O Prior Antonio Alveres da Costa =”

⁶³ Dicionário Enciclopédico das Freguesias, Vol.4, p. 139

⁶⁴ Idem, p. 134

⁶⁵ Tombo da Parochia de Santa Maria Madalena do Pezo, e suas anexas pp. 6, 6v, e 7

2.6 - A DOCUMENTAÇÃO DIPLOMÁTICA

A Documentação Diplomática ou simplesmente Diplomática concerne aos documentos oficiais, quer os que são emanados pelos órgãos governativos, quer aqueles que têm origem nos cartórios notariais. Em geral, esta documentação oficial é legítima e considerada fidedigna e autêntica. Também a zona da “Corda do Rio” possui em diversos locais documentação deste tipo que atestam e autenticam a sua história, o seu passado e o presente. Sobre a paróquia, desde a sua fundação, além de toda a documentação emanada das cúrias eclesiásticas, da corte régia e das cortes e em geral de toda a documentação proveniente do aparelho de Estado, deve considerar-se a perspetiva global que nos chegou pelo esforço do Padre Luís Cardoso que levou a cabo interrogatórios meticolosos para elaborar as conhecidas *Memórias Paroquiais* depois do terramoto de Lisboa de 1755: “Ordenámos tres interrogatórios, o primeiro das terras, o segundo das serras, e o terceiro dos rios; para que por eles nos informassem com exacção, miudeza, e verdade.”⁶⁶

As *Memórias Paroquiais* são todas de 1758, pois encetaram-se devido a um aviso de 18 de Janeiro de 1758 do Secretário de Estado dos Negócios do Reino, Sebastião José de Carvalho e Melo, mais conhecido por Marquês de Pombal, que encaminhava, através dos indispensáveis bispos, e destes para todos os *Parochos do Reyno*, os inquéritos sobre as paróquias e povoações pedindo as suas descrições geográficas, demográficas, históricas, económicas, e administrativas, bem como relativamente ao tema dos prejuízos provocados pelo terramoto de 1 de Novembro de 1755. As respostas foram remetidas à Secretaria de Estado dos Negócios do Reino.

Com base nas *Memórias Paroquiais*, foram publicadas algumas obras, das quais tivemos acesso ao *Portugal Antigo e Moderno - Dicionário de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal* da autoria de Augusto Soares d’Azevedo Barbosa de Pinho Leal em que o autor se refere ao Barco, Dominguio e Pêso, assim como o *Diccionario Geographico abbreviado das oito províncias dos Reinos de Portugal e Algarves* cujo autor foi Pedro José Marques, referindo-se de igual modo ao Barco, Dominguio e Pezo. As *Memórias Paroquiais* são de acesso público e podem ser consultadas a partir do índice do Arquivo Nacional da Torre do Tombo⁶⁷, em formato de texto, ou em PDF.

Também podemos obter diversa documentação diplomática para elaboração de Monografias locais a partir de outros documentos da Torre do Tombo, como, por exemplo a atribuição de uma carta de foro a uma aldeia de Vila Nova a cinquenta e quatro povoadores.⁶⁸

⁶⁶ CARDOSO P. Luiz, *Diccionario geográfico ou Noticia histórica de todas as cidades, villas, lugares e aldeias, rios, ribeiras e serra dos Reynos de Portugal e Algarve com todas as cousas raras, que nelles se encontrão, assim antigas, como modernas*, Tomo I, Lisboa, 1747, prólogo.

⁶⁷ <http://antt.dglab.gov.pt/wp-content/uploads/sites/17/2008/09/Memorias-paroquiais-indice-final-2014.pdf>

⁶⁸ AN/TT, Ch. D. Afonso III, fl. XXXIII e verso.

A Chancelaria de D. Afonso III pode dizer-se que foi um caso exemplar, pois foi a primeira vez que um soberano reunia em coleção, a que se dava o nome de *códice*, a compilação de todos os documentos emanados da chancelaria tais como cartas de foral, de povoamento, doações, tratados, etc.. Começou a ser feito o registo deste trabalho em 1253 com o conhecido *Livro I da Chancelaria* que continuou até muito perto da morte do monarca; este livro continha mais de sete centenas de documentos que eram como uma imagem real daquilo que foi a sua governação; posteriormente foram redigidos o Livro II que continha os aforamentos e cartas de foral dos quatro reis anteriores, assim como o Livro III com documentação variada que não tinha sido incorporada no primeiro volume.

Toda esta documentação existente na Torre do Tombo foi estudada e compilada em três volumes da autoria conjunta de Leontina Ventura e António Resende de Oliveira. O primeiro e segundo volume contêm o *Livro I da Chancelaria de D. Afonso III*⁶⁹, enquanto no terceiro volume estão inseridos os Livros II e III da Chancelaria de D. Afonso III.⁷⁰

Para além do que aqui se refere, também podemos encontrar bastante documentação no Arquivo Distrital de Castelo Branco, no Arquivo Municipal da Covilhã e também em algumas Juntas de Freguesia, nomeadamente no Peso.

Para cobrir os séculos posteriores devem percorrer-se as chancelarias de todos os monarcas portugueses e outros fundos depositados no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, como os tombos das Comendas, o Tribunal do Santo Ofício etc

⁶⁹ Publicados em Coimbra no ano de 2006.

⁷⁰ Publicado em Coimbra no ano de 2011.

Capítulo 3

A DEMOGRAFIA

O termo “Demografia” surgiu pela primeira vez em 1855 com a publicação de um livro de Achille Guillard: *Eléments de Statistique Humaine ou Démographie Comparée*⁷¹. Faz parte das Ciências Sociais e Humanas analisa os diferentes dados populacionais como sejam a sua distribuição por zonas, idades, sexo, religião, emprego, entre outras variáveis.

O estudo da demografia é importante na medida em que ao caracterizar uma determinada sociedade mais facilmente se interpretam, planeiam e decidem as políticas a seguir, permitindo desta forma a melhoria das condições de vida da população.

3.1 - AS ESTATÍSTICAS DEMOGRÁFICAS

Os dados demográficos mais antigos referentes que conseguimos quanto à Corda do Rio reportam-se às Memórias Paroquiais de 1758 que se encontram em anexo. À época, no espaço considerado, existiam apenas três freguesias, Dominguiso, Peso e Barco. O Peso tinha três anexas que eram Pezinho, Vales e Coutada.

De acordo com as Memórias Paroquiais podemos elaborar a seguinte tabela, fazendo corresponder vizinhos a fogos de quatro habitantes cada teríamos

Tabela III - Moradores em 1758, segundo as Memórias Paroquiais

Povoações	Moradores
Dominguiso	160
Vales do Rio	160
Peso	172
Coutada	132
Barco	275
Total	899

⁷¹ <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k815038.r>

Nas Memórias Paroquiais utilizavam-se termos cujo significado aqui se explicita. Assim, *Vizinhos* queria dizer *Famílias*; quando se refere a pessoas de *Sacramento Maior*⁷² são pessoas adultas, aquelas que já foram batizadas, fizeram a 1ª comunhão e o crisma. As pessoas de *Sacramento Menor* são, como facilmente se deduz, as crianças, que apenas receberam um sacramento, o do batismo.

Em 1890 - 1 de Dezembro (III Recenseamento Geral da População)⁷³ as famílias apresentavam um número médio de 4 indivíduos. Desta forma quando se enumeram *Vizinhos* deve ter-se em linha de conta que ao número apresentado se deve multiplicar por quatro. Também na interpretação do Numeramento de 1527, Orlando Ribeiro admitiu como máximo o número de 5 habitantes por cada fogo:

“O Numeramento dos moradores não foi, com certeza, concebido em 1527 como uma fonte destinada à cartografia do País, mas, sim, à melhoria do conhecimento da distribuição do povoamento e da população, bem como das diversas jurisdições, no quadro da rede administrativa existente.”⁷⁴

Por dados obtidos através de Dicionários geográficos e estatísticos do INE podemos elaborar a seguinte tabela contendo o número de fogos, e de habitantes em cada uma delas.

Tabela IV
Número de Fogos e de Habitantes nas sedes de freguesia

LOCALIDADES	Nº de fogos ⁷⁵			Nº de habitantes ⁷⁶			
	1757	1853	1874	1864	1878	1884 ⁷⁷	1890
BARCO	69	124	130	539	923	923	907
PESO	43	247	250	1290	1077	1077	1294
DOMINGUIISO	40	93	110	433	539	539	653

⁷² O Sacramento da Eucaristia, juntamente com os sacramentos do Batismo e da Confirmação, forma os sacramentos da Iniciação Cristã. A Sagrada Eucaristia é o maior dos sacramentos. Disponível em <http://comosercristacatolica.blogspot.pt/2010/07/sacramento-da-eucaristia.html>

⁷³ http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos_historia_pt_1890 [Consultado em 5 Maio 2016]

⁷⁴ Vd. DAVEAU, Suzanne, *A Descrição Territorial no Numeramento de 1527-32*, p. 25 [Cons. 5 Maio 2016]. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/2654430.pdf>

⁷⁵ LEAL, Augusto Soares d’Azevedo Barbosa de Pinho, *Portugal Antigo e Moderno*, Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, Lisboa, 1873/4/5.

MARQUES, Pedro José, *Diccionario Geographico abreviado das oito provincias dos Reinos de Portugal e Algarves*, Porto, 1853.

⁷⁶ <file:///C:/Users/User/Favorites/Documents/Academia%20de%20Ci%C3%Aancias,%20Letras%20e%20Artes/AATese%20Mestrado/Estudos%20Monografia%20do%20PESO/Inqu%C3%A9rito/Downloads/Tomo%201%20vol%201.pdf> (p. 132)

⁷⁷ Acta das sessões, *Livro de Actas da Câmara nº 32*, pp. 15 e seguintes.

Complementando os dados estatísticos com base no Instituto Nacional de Estatística obtemos a informação oficial que se segue.

Tabela V
Recenseamento dos anos de 1900 a 1940

LOCALIDADES	1900		1911		1920		1930		1940	
	F	H	F	H	F	H	F	H	F	H
BARCO	259	1034	187	696	293	1218	304	1365	220	880
COUTADA	a)	a)	108	473	a)	a)	a)	a)	161	663
PESO	301	1240	239	944	363	1509	421	1751	293	1209
VALES DO RIO	a)	a)	117	490	a)	a)	a)	a)	184	710
DOMINGUIISO	165	673	161	711	a)	a)	211	868	224	936

Observação: F = Fogos; H = Habitantes; a) - dados não disponíveis oficialmente.

Tabela VI
Recenseamento dos anos de 1950 a 1991

LOCALIDADES	1950		1960		1970		1981		1991	
	F	H	F	H	F	H	F	H	F	H
BARCO	444	1802	313	1142	350	632	378	644	440	753
COUTADA	a)	a)	302	928	243	602	253	617	364	497
PESO	538	2205	370	2094	404	709	452	735	453	753
VALES DO RIO	a)	a)	288	929	281	678	376	833	424	930
DOMINGUIISO	263	1010	345	1038	332	965	458	1035	590	1154

Analisando estas duas tabelas relativamente ao que se refere à mudança dos residentes durante todo o século XX, verificamos alguns pormenores que consideramos marcantes:

- a) - Entre 1900 e 1950, a população aumentou, atingindo o pico máximo em 1950.
- b) - Entre 1950 e 1970, a população diminui com alguma relevância, de modo particular nas décadas de 60 e 70, devido ao elevado fluxo emigratório.
- c) - Entre 1970 e 1991, verificamos novo acréscimo populacional em todas as localidades, exceção feita à Coutada que na década de 80 viu diminuir a sua população em mais de 80%.

Se verificarmos em conjunto todos estes valores chegaremos à conclusão que a emigração diminuiu na década de 70, mas a diminuição dos números de habitantes verificados no Barco, e no Peso se deve à criação das novas freguesias da Coutada e Vales do Rio.

Pelo decreto nº 12541, de 22-10-1926 a povoação do Dominguiso, que pertencia à freguesia do Tortosendo, foi desanexada, ficando a constituir uma freguesia autónoma a partir do dia 2 de Novembro de 1926, razão pela qual em 1920 não se conseguem obter dados estatísticos relativamente ao Dominguiso.

Pela Lei nº 11-A/2013 de 28 de Janeiro, deu-se a reorganização administrativa que juntou os territórios de algumas freguesias. No caso concreto que se passou na Corda do Rio, a Coutada voltou a ficar integrada no Barco com a designação de União de Freguesias de Barco e Coutada.

Situação idêntica sucedeu aos Vales do Rio que integraram a União de Freguesias de Peso e Vales do Rio.

3.2 - A DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO

Tabela VII
População residente em 2001 e 2011, e sua evolução ⁷⁸

LOCALIDADE	2001	2011	Variação entre 2001 e 2011
BARCO	576	473	- 17,88 %
COUTADA	476	406	- 14,71 %
PESO	780	737	- 5,51 %
VALESDO RIO	839	674	- 19,67 %
DOMINGUIISO	1188	1119	- 5,81 %

Neste quadro poderemos realçar alguns dados importantes. Cingimo-nos concretamente a cada localidade em si, e não como freguesia, porque oficialmente o Peso e Vales do Rio constituem uma União de Freguesias, assim como o Barco e a Coutada são outra União de Freguesias. Por este motivo a evolução da população pode não corresponder com exatidão verdadeira à dimensão do fenómeno local, devido até às rivalidades que sempre existiram, entre as populações vizinhas. O Dominguiso em termos populacionais é a localidade mais povoada, seguida do Peso, Vales do Rio, Barco e Coutada. Todas estas localidades são habitadas essencialmente por pessoas cujas raízes têm ligação ancestral a cada uma delas, exceto o Dominguiso, que por ser geograficamente mais próxima de zonas habitacionais mais populosas, como são os casos de Tortosendo e Covilhã, passaram a residir na localidade gentes de outras origens, até porque o custo da habitação é mais barato, como podemos deduzir das palavras de Maria da Graça Sardinha: “Sem proceder a um levantamento

⁷⁸ <http://www.ine.pt/investigadores/Quadros/Q102.zip>

demográfico aprofundado, verifica-se que existem atualmente na aldeia vários habitantes vindos de fora.”⁷⁹

Tabela VIII

População residente, por área, ano de recenseamento, média e densidade populacional

LOCALIDADES	ÁREA	POPULAÇÃO					Densidade por km ²
	Ha	1981	1991	2001	2011	Média	
Barco	1 406,65	775	753<	576>	473<	644	33,62
Coutada	1 014,00	486	497>	476<	406<	466	40,03
Peso	1 009,86	735	753>	780>	737<	751	72,98
Vales do Rio	561,18	833	930>	839<	674<	819	120,10
Dominguiso	494,90	1 035	1 154>	1 188>	1 119<	1 141	226,10
TOTAIS	4 486,59	3 931	4 087	3 859	3 409	3 821	85,16

3.2.1 - PROBLEMAS NA REGIÃO

Em todas as localidades da Corda do Rio verificou-se uma perda de população. Há problemas comuns em todas elas com a desertificação, nas áreas económica e social. O envelhecimento da população parece-nos particularmente importante.

Curiosamente, o J F refere-se precisamente a este assunto nos seguintes termos:

“Problemas na região são vários, desde os mais locais, específicos de cada comunidade, freguesia ou concelho, até àqueles que nos estruturam enquanto geografia mais ampla a que comumente nos referimos como *Beira Interior*. Não são novidade para ninguém as fragilidades do investimento público e privado, incapazes de fomentar um desenvolvimento económico que mitiguem a *inevitabilidade* de tantos terem que continuar a abandonar a região em busca de emprego. Também não é novidade tudo aquilo que encontramos a jusante: os números do crescente despovoamento e do envelhecimento dramático da pirâmide etária. ... Olhando para esta extraordinária geografia beirã, quem se atreve a dizer que é uma região naturalmente repulsiva? Ninguém, por certo. Mas, a realidade é que, demograficamente o é. Mas este problema não é intrínseco. A questão é, essencialmente, política. De planeamento regional, de repensar o território como um todo, estando atento às suas diferenças, potenciando as suas qualidades para que estas se sobreponham às inevitáveis fragilidades.”⁸⁰

⁷⁹ SARDINHA, Maria da Graça d’Almeida, *Contribuição para uma monografia “A Mudança em Dominguiso”* p.41

⁸⁰ FRANCISCO, Nuno, *Editorial*, *Jornal do Fundão*, nº 3632 de 12 de Maio de 2016, p. 2

Capítulo 4

A ADMINISTRAÇÃO

Oficialmente, e à semelhança de qualquer cidadão que possui um número de identificação fiscal, também as localidades são identificadas oficialmente com um código.

TABELA IX
Codificação do nome dos municípios e das freguesias - 3ª VERSÃO⁸¹

Freguesia	Município	Distrito	Codificação	Orago
Barco	Covilhã	C. Branco	CVL04	Apóstolo S. Simão
Coutada	Covilhã	C. Branco	CVL29	São Sebastião
Dominguizo	Covilhã	C. Branco	CVL09	Espírito Santo
Peso	Covilhã	C. Branco	CVL16	S.ta M ^a Madalena
Vales do Rio	Covilhã	C. Branco	CVL28	Santo António

4.1 - A ADMINISTRAÇÃO CIVIL

As Memórias Paroquiais do Dominguiso respondem ao que em 1758 se procura saber desta terra do modo seguinte:

“Fica na provincia da Beira Baixa, e pertence ao termo da villa de Covilham, Bispado, e Comarca da cidade da Guarda, e pertence a fregezia de Sam Joam de Martir In Collo da ditta Villa de Covilham he presente a donotario he de Françisco da Annunçiação, geral de Santa Crux, da cidade de Coimbra.

Esta situada esta Fregezia do Devino Spirito Santo em hum monte distante hem hum tiro as margens do rio Zezere, he curato, e o apresenta o Prior de Sam Joam de Martir In Collo da Villa da Covilham.”⁸²

Desta forma se verifica que o Dominguiso não era freguesia autónoma, mas sim anexa da freguesia de São João de Mártir-in-Colo da Covilhã.

⁸¹ http://antt.dglab.gov.pt/wp-content/uploads/sites/17/2008/09/cod_mun_freg.pdf

⁸² Memórias Paroquiais, vol. 13, nº 22, p. 131

Pelo decreto nº 12541, de 22-10-1926, a povoação do Dominguiso, que pertencia à freguesia do Tortosendo foi desanexada, ficando a constituir uma freguesia autónoma a partir do dia 2 de Novembro de 1926.

Oficialmente a Coutada foi desanexada do Peso, por decreto de 04-12-1872, publicado em Diário do Governo nº 289 de 20 de Dezembro de 1872, passando a fazer parte da freguesia do Barco. O assunto relativamente à “divisão do limite daquela freguesia com a do Peso” encontra-se exarado em ata da sessão do dia 16 de Maio de 1873.⁸³

Como houve renitência por parte da Junta do Peso, em 16 de Junho 1874

“A Câmara deliberou, que tendo de proceder-se, com brevidade, à demarcação dos limites da Parochia do Peso e do logar da Coutada, que se desanexou d’aquela para passar à do Barco.”⁸⁴

Outros documentos exarados em atas seguintes registam o desenrolar do conflito existente, e que durou mais de vinte anos, terminando apenas com a publicação do Decreto do Reino de 4 de Outubro de 1894 e publicado em Diário do Governo nº 228 de 8 de Outubro de 1894.

Por decreto de 7-9-1895 o Pesinho foi desanexado do Peso, passando a fazer parte da freguesia de Alcaria, concelho do Fundão. Há uma confirmação deste acontecimento em ata da sessão da Câmara Municipal do concelho de Covilhã, de 4 de Fevereiro de 1896.⁸⁵

Curiosamente esta desanexação do Pesinho, da Junta de Paróquia do Peso, e por conseguinte do concelho da Covilhã, coincidiu na mesma data da anexação do concelho de Belmonte ao concelho da Covilhã. Este passou por Decreto de 7 de Setembro de 1895 a concelho de 1ª classe.⁸⁶

Anos mais tarde foi apresentado em sessão da Comissão Administrativa da Câmara Municipal da Covilhã, realizada no dia 24 de Maio de 1911 um abaixo-assinado da população do Pesinho “pedindo a sua anexação à freguesia do Peso por motivos de utilidade (...) curta distância... e porque lá têm as suas propriedades.”⁸⁷

Por decreto-lei 537/76 de 9 de Julho a localidade de Vales do Rio, que pertencia à freguesia do Peso, autonomizou-se e formou uma freguesia independente.

A Lei nº 61/84 de 31 de Dezembro criou a freguesia da Coutada, desanexada da freguesia do Barco, formando uma freguesia independente.

Até à publicação da Lei n.º 11-A/2013 de 28 de Janeiro que deu origem à reorganização administrativa que juntou os territórios de algumas freguesias, a Corda do Rio era constituída por cinco freguesias conforme tabela anterior. Com a entrada em vigor da referida lei passou a haver apenas três freguesias, a do Dominguiso, a União de Freguesias de Peso e Vales do Rio, e finalmente a União de Freguesias do Barco e da Coutada. Justificou-se esta decisão política em razões económicas e facilidade de gestão. Não foram ainda

⁸³ Acta das sessões, *Livro de Actas da Câmara nº 29, (1872 e 1873)*, p. 95

⁸⁴ Acta das sessões, *Livro de Actas da Câmara nº 30*, pp. 111 e 112

⁸⁵ Acta das sessões, *Livro de Actas da Câmara nº 38*, p. 7

⁸⁶ Acta de sessão do dia 2 de Outubro de 1895, *Livro de Actas nº 35*, pp. 49 a 50

⁸⁷ *Livro de Actas nº 47* de 15 Setembro 1909 a 31 de Maio de 1911

realizados estudos que pudessem provar se realmente houve, ou não, alguma poupança de dinheiro no erário público, se foi, ou não, benéfica para as populações no que se refere a nível de investimento, e de desenvolvimento local. Deduz-se que a decisão de criar duas Uniãos de Freguesias na Corda do Rio foi mais baseada na estrutura administrativa religiosa do que outra coisa.

Com esta deliberação voltou tudo aos “tempos da outra senhora”, o que significa que se recorreu ao modelo instituído no tempo da ditadura fascista, ao antes do 25 de Abril de 1974. Evidentemente que nenhuma das localidades que foram anexadas, nem as localidades anexadoras estiveram de acordo com tal decisão, mas a verdade porém é que a lei, é lei, e é para se cumprir, o que tem vindo a suceder.

Contudo, porque estes casos não foram únicos no País, o atual governo socialista apoiado pelos partidos de esquerda vão reconsiderar as situações mais injustas, e espera-se que seja reposta a legalidade, e que a Corda do Rio volte a ser constituída por cinco freguesias.

4.2 - A ADMINISTRAÇÃO RELIGIOSA

Relativamente à parte religiosa tudo se conserva como há muitos anos atrás. Cada localidade mantém o seu orago, e como atrás se refere, a estrutura religiosa é a mesma.

O Dominguio tem como o Divino Espírito Santo,⁸⁸ segundo as Memórias Paroquiais:

“A Parochia está fora do povo, o seu orago he Devino Spiritto Santto nem tem mais lugares nem povoaçõs fora anexas a esta tem esta Igreja do Devino Spirito Santto som de tres Altares o Altar Mor aonde estam as Imagens da SSantissima Trindade a Capella onde tem dois Altares Colatrais em hum está o Santissimo Sacramento a outro está a Nossa Senhora com o seu menino e Santo Amaro nam tem mais que huma Irmandade do Senhor.

O Parocho he Cura e o apresenta o Prior Dom Fernando da Crux Prior da Freguezia de Sam Joam de Martir In Collo da Villa da Covilham, como também apresenta a Fregezia de Sam Joam do Lugar de Alcaria, que as duas Fregezias nam tem mais que hum terceiro que recolhe os frutos, estes se arrendam por duzentos e setenta mil reis.

Este lugar tem huma Ermida, fora, junto ao povo de Santo Sebastiam, pertencente ao mesmo povo alguns devotos, visitam o mesmo Santo, hem alguns dias do anno outras pessoas lhe mandam dizer missa.”⁸⁹

Em virtude do Dominguio ser um Curato anexo ao priorado, apenas com a capela de S. Sebastião, que serviu de igreja paroquial “antes da construção do actual templo matriz, em

⁸⁸ Dicionário Enciclopédico das Freguesias, vol. 4, p. 140

⁸⁹ Memórias Paroquiais, vol. 13, nº 22, p. 132

1786, em honra do Divino Espírito Santo”,⁹⁰ passou a ser Vigária, e, por conseguinte, passou a ser uma paróquia independente cujo orago é o Divino Espírito Santo. Refira-se apenas que o atual “campanário, muito mais recente, é de 1922”⁹¹.

Vales do Rio têm como orago Santo António,⁹² faz parte da Paróquia de Santa Maria Madalena que é orago do Peso.⁹³ Esta paróquia é pois constituída pelas localidades de Peso e Vales do Rio, do concelho da Covilhã, e pela localidade do Pesinho, do concelho do Fundão, cujo orago é a Nossa Senhora do Bom Parto.

Situação semelhante sucede com a Coutada cujo órgão é S. Sebastião,⁹⁴ mas pertencente à Paróquia de S. Simão,⁹⁵ da povoação do Barco.

⁹⁰ Dicionário Enciclopédico das Freguesias, vol. 4, p. 140

⁹¹ Ibidem

⁹² Idem,, p. 153

⁹³ Dicionário Enciclopédico das Freguesias, vol. 4, p. 145

⁹⁴ Ibidem, p. 139

⁹⁵ Idem, p. 134

Capítulo 5

A ECONOMIA E O DESENVOLVIMENTO

As áreas económicas são importantes para a fixação de pessoas na Corda do Rio, tornam-se indispensáveis para o desenvolvimento integrado e sustentado de toda esta zona geográfica, ou de qualquer outra do País, que só poderá atrair investimentos se esse mesmo desenvolvimento for abundante e produtivo.

“O emparcelamento nem sempre coincide com o redimensionamento, e quase sempre ambos implicam redução de trabalhadores, o que traz custos sociais, tornando-se difícil fazer compreender a muita gente que tal é necessário para a competitividade e sobrevivência das empresas. Se a agricultura não for produtiva e rentável não atrai investimento, e, conseqüentemente, não terá gente que se fixe nestes lugares. O nível etário da população e a estrutura fundiária são factores fundamentais para o desenvolvimento integrado e sustentado. Urge criar, a par das novas tecnologias, uma nova mentalidade, tarefa que pode levar o tempo de uma ou duas gerações.”⁹⁶

Precisamente nesta zona da Corda do Rio, no ano de 1291, decorria o reinado de D. Dinis, este deixava escrito “Sabedes vos que no vosso termho a muytas aldeyas e a y muytas que som gran peça alongadas...”.⁹⁷ Aqui mesmo nesta zona da margem direita do rio Zêzere, o rei possuía uma boa parte das terras, mais concretamente a zona da Várzea, sobejamente conhecida, e que atualmente está delimitada entre as pontes do Dominguiso com Alcaria e a do Peso com o Pesinho. Toda esta vasta zona foi aforada coletivamente, e a título perpétuo. Quase todos os terrenos estavam cultivados, pois verifica-se que os foros a pagar eram maiores nas partes já desbravadas, e muito menores nas áreas ainda por surribar, ou seja por romper e depois lavar, de modo a torná-las de cultivo e produtivas. Havia ainda a obrigação de todos os anos tornar arável uma porção de terreno que depois produzisse anualmente um moio de pão, que tanto podia ser de centeio como de trigo, mas de preferência deste último cereal.

Porquê esta exigência régia?

Em primeiro lugar porque havia falta destes cereais para consumo de toda a população, e depois porque era uma forma de fixar as pessoas à terra.

⁹⁶ SILVA, José Aires da, *História da Covilhã*, p. 160

⁹⁷ Arquivo Municipal da Covilhã, *Pergaminhos Medievais*, nº 35.

Nos primórdios da nacionalidade verificava-se que a produção agrícola se cingia à sementeira do trigo e à plantação da vinha, pois a “produção é, ao nascer da nacionalidade, fundamentalmente a da agricultura do pão e do vinho.”⁹⁸

Normalmente aonde há trigo, o pão utilizado para consumo é de preferência o pão de trigo. A falta de trigo em Portugal foi sempre um problema constante, daí ter de se recorrer ao consumo de centeio e até de cevada, para além do milho.

A plantação de vinhas era também uma imposição régia pois vemos com frequência nos forais a obrigação de haver “casas, vineas, saltos, pumares, terras ruptas vel inruptas.”⁹⁹

“A povoação do Peso, que aparece referida na confrontação da Várzea, estaria já também povoada. A Inquirição Dionisina apurou que a mesma tinha sido pertença de Paio Retura, testemunha do foral de Alpreada, atual Castelo Novo, no ano de 1202. O Peso que, no tempo de D. Sancho II, teria sido *honrada*, mantinha o estatuto e era trazida em *honra* por Pedro Ermigi, cavaleiro e pela Igreja de Santa Maria Madalena. A informação do seu possuidor à data da inquirição permite-nos localizar temporalmente o seu povoamento, que remonta, pelo menos, aos primeiros anos do século XIII.”¹⁰⁰

Por haver necessidade de desenvolver e povoar toda esta zona, em 25 de Junho de 1258 o rei D. Afonso III concedeu uma carta de foro ao Peso, com o intuito de aqui construir uma vila nova dando carta de foro a cinquenta e quatro moradores.

⁹⁸ SARAIVA, José Hermano, *História de Portugal*, p. 81

⁹⁹ SARAIVA, José Hermano, *História de Portugal*, p. 82

¹⁰⁰ VICENTE, Maria da Graça, *Covilhã Medieval. O Espaço e as Gentes*, p. 46

O documento seguinte é cópia do original do AN/TT, Ch. D. Afonso III, Livro I, Vol.1, Doc.167.

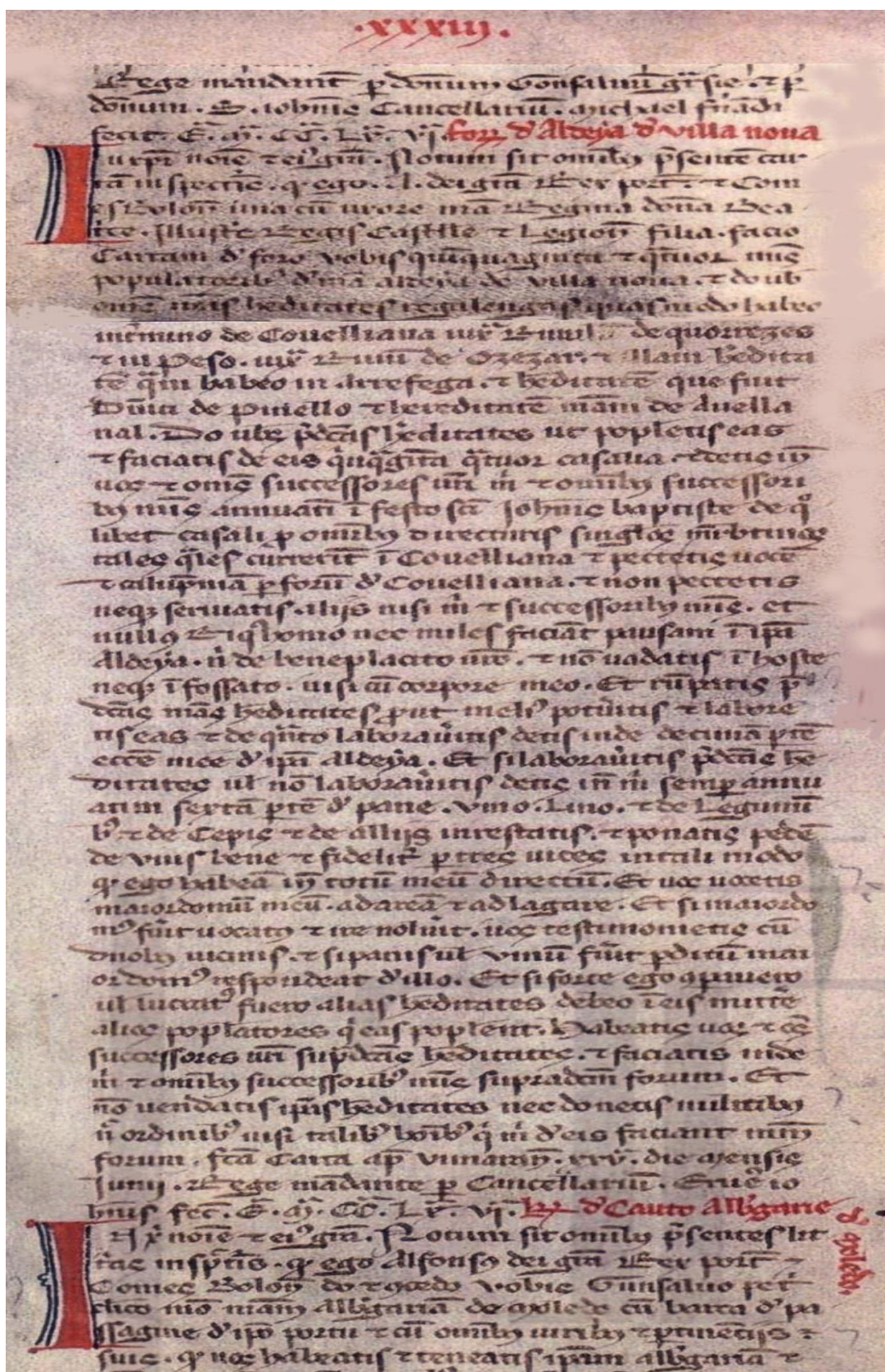


Fig. 8 - Carta De Foro Da Aldeia De Vila Nova

CARTA DE FORO DA ALDEIA DE VILA NOVA A CINQUENTA E QUATRO POVOADORES.

FORUM D'ALDEIA D'VILLA NOVA¹⁰¹

In Christi nomine e ejus gratia. Notum sit omnibus presentem cartam inspeccturis, quod ego Alfonsus dei gratia Rex Portugalie et Comes Bolonie una cum uxore mea Regina donna Beatrice, Illustris Regis Castelle et Legionis filia, facio cartam de foro vobis quinquaginta et quatuor meis populatoribus de mea aldeya de Villa Nova, et do vobis omnes hereditates regalengas quas modo habeo in termino Covelliana juxta rivulum de Quorrezes et in Peso juxta rivum de Ozezar et illam hereditatem quam habeo in Arrefega et hereditatem que fuit Dominici de Oinello et hereditatem meam de Avellanal. Do vobis predictas hereditates ut populetis eas faciatis de eis quinquaginta quatuor casalia et detis inde vos et omnes sucessores vestri michi et omnibus successoribus meis annuatim in festo sancti Johannis Baptiste de quolibet casali pro omnibus directuris singulos marabitanos tales quales currerint in Covelliana et pectetis vocem et calumpniam per fórum de Covelliana. Et nom pectetis neque serviatis aliis nisi michi et successoribus meis, et nullus riquushomo nec miles faciant pausam in ipsa aldeya, nisi de beneplácito vestro, et non vadatis in hoste neque in fossato, nisi cum corpore meo. Et rumpatis predictas meas hereditates pro ut melius potueritis et laboretis eas et de quanto laboraveritis detis inde decimam partem ecclesie mee de ipsa aldeya. Et si laboraveritis predictas hereditates vel non laboraveritis detis inde michi sempre annuatim sextam partem de pane, vino, lino et de leguminibus et de cepis et de alliis inrestatis, et ponatis pedem de uvis bene et fideliter per três vices in tali modo quod ego habeam inde totum meum directum. Et vos vocetis maior domum meum ad aream et ad lagare. Et si maiordomuss fuerit vocatus et ire noluerit, vos testimonietis cum duobus vicinis, et si panis vel vinum fuerit perditum maiordomus respondeat de illo. Et si forte ego comparavero ver lucratus fuero alias hareditates debeo in eis mittere alios populatores qui eas populent Habeatis vos et omnes sucessores vestri supradctas hereditates, et faciatis inde michi et omnibus succeoribus meis supradictum forum. Et nom vendatis ipsas hereditates nec donetis militibus nec ordinibus nisi talibus hominibus qui michi de eis faciant meum forum. Facta carta apud Vimaranem, XXV.^a die mensis Junii, Rege mandante per cancellarien. Erveus Johannis fecit. Era M.^a CC.^a LX-^a VI.^a

5.1 - A AGRICULTURA, O COMÉRCIO E A INDÚSTRIA

As atividades económicas destas cinco localidades têm muitos pontos em comum, o que revela uma certa homogeneidade entre elas. O principal ponto comum a todas é a questão da agricultura minifundiária, em que grande parte das famílias possuem um pequeno quintal para as suas sementeiras de consumo doméstico. Para um número mais reduzido é uma agricultura de sobrevivência, que ajuda os poucos recursos económicos que possam obter de outra forma.

¹⁰¹ VENTURA, Leontina e OLIVEIRA, António Resende, *Chancelaria de D. Afonso III* Livro I, vol. 1 p.186

O rio que faz a divisão geográfica entre as serras da Estrela e da Gardunha tornou as terras mais produtivas, enriquecendo-as com o aluvião. Destas terras, proveem a maioria dos produtos que são a base da alimentação dos seus habitantes.

Na direção da Estrela, ao longo das diversas ribeiras existentes, nos socalcos das encostas, a força do braço humano recuperava terrenos para aumentarem as zonas de cultivo.

Estes pequenos pedaços de terreno, habitualmente destinados a árvores de fruta, e vinhas, denominados “chãos”,¹⁰² eram construídos de modo a que as águas das chuvas fossem aproveitadas para a época de Verão, e simultaneamente não lhes levasse as terras; a jusante do curso de água, normalmente construía represas que, apesar de relativamente pequenas, com pouca capacidade de armazenamento, se tornavam valiosas no Verão, para a rega.

Antigamente a execução destes leirões, também assim conhecidos, era feito com a ajuda dos vizinhos, familiares ou amigos, que se entreajudavam uns aos outros. Isto sucedia desta maneira porque havia dificuldades generalizadas de pagamento em dinheiro, e então a forma de resolverem este problema financeiro era precisamente “pagarem-se” uns aos outros, em iguais dias de trabalho.

Os pedaços de terra localizados nas margens destes pequenos percursos de água eram sem dúvida espaços férteis de produção, também pelo facto de haver água com relativa abundância, e precisamente por este motivo a população sentia-se atraída porque via neles uma forma de sustento, e uma maneira de fazer face às despesas familiares, economizando na aquisição dos produtos que a terra generosamente fornecia a quem a trabalhava. Ainda hoje, nestes diminutos campos agrícolas, podemos observar vestígios de pequenos casebres construídos com pedra da região, aonde os pequenos agricultores, e pastores, dormiam durante noites e noites. Muitos deles só vinham a casa, ao domingo, por ser “Dia do Senhor”, e nesses dias era pecado trabalhar. Nas propriedades mais próximas das populações, as mulheres tinham por hábito levar as refeições aos homens, aos locais aonde estes se encontravam a trabalhar.

Os lodeiros, terrenos situados na margem do rio Zêzere, pertenciam aos proprietários mais ricos, razão pela qual havia pequenos agricultores que obtinham a devida autorização daqueles para poderem cultivar as referidas propriedades. Contudo, esta concessão era dada por negociação, na medida em que havia sempre, todos os anos, bastantes candidatos; as negociações baseavam-se em acordar qual ou quais os produtos a cultivar, bem como a percentagem que a cada um cabia no final da colheita. A regra usual, nos proprietários mais conscienciosos e compreensivos, era de “meias”, ou seja, uma parte para o proprietário, e outra parte para o cultivador; mas havia quem só negociasse à “terça”, isto é, duas partes para o proprietário, e a outra parte para o cultivador, ou então, nos proprietários mais exigentes, e nos cultivadores mais necessitados, o negócio poderia chegar às “quartas”, o que significava que ao proprietário caberiam três partes da produção final e a parte restante para o cultivador. Refiram-se ainda outros pormenores importantes: o cultivador suportava todas

¹⁰² Em vez de “chãos”, mas era “chães”, e continua ainda a ser para muita gente, a palavra utilizada.

as despesas referentes ao cultivo, e colheita, para além de ter de colocar todo o produto final na eira do proprietário, cujo transporte teria de ser realizado no próprio carro, puxado pela junta de bois do dono do lodeiro, cujo pagamento era também por conta do cultivador.

Normalmente os produtos cultivados nos lodeiros eram aqueles que o cultivador mais necessitava para o sustento da sua própria família. Deste modo, semeava-se o milho, porque era o cereal fundamental para o fabrico de pão, e servia também como base de alimentação para os animais criados junto às suas habitações, como sejam os porcos, galinhas, e coelhos.

Para além do milho, também se fazia a cultura do trigo. Verificamos haver cultura de feijão pequeno, conhecido também como feijão-frade, e melancias, botelhas, conhecidas também como abóboras, tomates, cebolas, e outros produtos hortícolas.

A atividade agrícola era predominante, embora houvesse também a pastorícia, a tecelagem, a construção de habitação própria, ou para guardar o gado e os utensílios agrícolas.

Atualmente encontramos diferenças notórias na questão das propriedades. Os terrenos agrícolas encontram-se de tal modo fragmentados em partes tão diminutos que, mesmo havendo alguém interessado e com capacidade económica e financeira para fazer a junção das pequenas propriedades, que a mecanização não seria fácil de forma a obterem-se produtividade e consequentes rendimentos das mesmas.

Nos tempos que correm as atividades económicas principais desta zona podemos resumi-las conforme indicamos de seguida:

- No DOMINGUIISO, o “Comércio, indústria de confecções, construção civil, armazéns para reposição de hipermercados e reciclagem de trapos”.¹⁰³
- Em VALES DO RIO, a “Indústria têxtil, vestuário, construção civil, madeiras, mármore, panificação e comércio de cereais”.¹⁰⁴
- No PESO, a “Indústria de confecção, agricultura, plásticos, serração de madeiras, panificação, serralharia civil, construção civil, distribuição de produtos alimentares e pequeno comércio”.¹⁰⁵
- Na COUTADA, a “Agricultura, indústria, construção civil e pequeno comércio”.¹⁰⁶
- No BARCO, o “Comércio, indústria, agricultura e construção civil”.¹⁰⁷

¹⁰³ *Dicionário Enciclopédico das Freguesias*, Vol.4, p. 140

¹⁰⁴ *Idem*, p. 153

¹⁰⁵ *Idem*, p. 145

¹⁰⁶ *Dicionário Enciclopédico das Freguesias*, Vol.4, p. 39

¹⁰⁷ *Idem*, p. 134

Quanto à principal indústria do concelho e do espaço em causa, deixamos o testemunho de Ferreira de Castro:

“No começo do Verão, antes de demandar os altos da serra, ovelhas e carneiros deixavam, em poder dos donos, a sua capa de Inverno. Lavada por braços possantes, fiada depois, a lã subia, um dia, ao tear. E começava a tecelagem. O homem movia, com os pés, a tosca construção de madeira, enquanto as suas mãos iam operando o milagre de transformar a grosseira matéria em forte tecido. Constituíam o acto uma indústria doméstica, que cada qual exercia em seu proveito, pois a serra não dava, nessas recuadas eras, mais do que lã e centeio.”¹⁰⁸

Sobre tecelagem manual em teares de madeira, o Peso era a localidade que mais gente tinha a dedicar-se a esta nobre arte, e que maiores proventos obtinham a nível económico e financeiro; os homens aplicavam-se à tecelagem dos teares grandes, como eram conhecidos, pois exigiam mais esforço físico, enquanto algumas mulheres se dedicavam ao fabrico das mantas de ourelos; muita gente possuía os seus próprios teares manuais, cujo produto final iam vender às fábricas do Tortosendo e da Covilhã; outras pessoas trabalhavam diariamente no Tortosendo ou na Covilhã, os homens nas fábricas de lanifícios, e as mulheres nas confeções, principalmente. As distâncias eram percorridas a pé, em pequenos grupos, por esses montes fora, por veredas e atalhos para encurtarem distâncias, e nem sempre se atravessavam facilmente.

A razão das deslocações a pé é justificada por algumas razões importantes como sejam a falta de vias de comunicação com um mínimo de qualidade, e por conseguinte a falta de meios de transporte adequados; também a elevada taxa de natalidade que praticamente estava estendida a todas as famílias, e os poucos recursos económicos provenientes da agricultura obrigavam as pessoas a procurarem novos meios de subsistência para fazerem face às necessidades mais elementares do dia-a-dia.

Mais tarde, já na década dos anos 50 do século passado, começou a haver transportes públicos regulares e em horários diversificados, mais compatíveis de modo a satisfazer a deslocação das pessoas do meio rural, para o meio urbano, como eram o Tortosendo e a Covilhã. Está oficialmente documentado que o Presidente da Câmara Municipal da Covilhã pediu informações “para efeito de concessão de uma carreira de camionetas” à Junta de Freguesia do Peso.¹⁰⁹ Os homens, mais possantes, tinham como meio de transporte próprio uma bicicleta a pedal.

¹⁰⁸ CASTRO, Ferreira, *A Lã e a Neve*, in PORTUGAL, a terra e o homem, p.224

¹⁰⁹ Of.º nº 1280, livro 25-A, *Livro de registo de ofícios expedidos de 1942 a 1954*, p. 26 v.

5.2 - ESTRADAS E VIAS DE COMUNICAÇÃO

Como escrevemos no início do capítulo I sobre Geografia, *a vastidão geográfica não é apenas aquela linha imaginária, ou desenhada nos mapas, que delimita uma determinada zona; é também o sentir estar lá, perto ou distante, no cimo do monte ou no vale, pela imensidão daquilo que queremos ver, mais com o pensamento do que pelo olhar, meditando, recordando.* O acidentado do terreno obrigava o homem a talhar o território, e aprenderam a adaptá-lo para beneficiarem do mesmo, para melhor usufruírem das regalias que existiam. Milhares de anos se passaram para vencer os obstáculos, como é o exemplo da Corda do Rio, por estar inserida numa área montanhosa da Beira Interior. Apesar de todos os esforços realizados ao longo da história, o isolamento continua ainda a verificar-se, apesar de não ser já tão profundo como foi.

“As vias de comunicação só muito recentemente, já nos começos do terceiro milénio, permitiram desencravar alguns destes espaços físicos e de que a situação sofrida pela indústria covilhanense é um exemplo paradigmático.”¹¹⁰

Nos nossos dias a Corda do Rio é uma zona de grande movimento, pois aqui se transformou um local obrigatório de passagem das freguesias situadas a sul e a poente do concelho, bem como quem precisa de se deslocar ao concelho do Fundão, graças às três pontes construídas, das quais a do Peso é a mais movimentada, devido à sua localização central.

Também o rio Zêzere serve de via de comunicação, em termos de turismo fluvial e desportivo, em pequenos barcos de recreio.

5.3 - FEIRAS E MERCADOS

Para além da presença constante de vendedores ambulantes existem apenas duas localidades que possuem oficialmente feiras/mercados; refiro-me ao BARCO aonde se realiza no último sábado de cada mês, assim como no PESO se realiza no 2º domingo de cada mês.

5.4 - A QUESTÃO DO DESENVOLVIMENTO

Todos nós sabemos, ouvimos e lemos que há uma enorme desigualdade entre as regiões do litoral e a região que agora estudamos. Verificamos em capítulos anteriores como é

¹¹⁰ PINHEIRO, Elisa Calado *A Beira Interior: de mosaico de paisagens a região identitária*, p. 94

a zona da “Corda do Rio”. Facilmente se deduz que é mais acessível aceder ao litoral do que ao interior, pois a natureza do solo é diferente. A zona do interior não possui as mesmas dimensões de solo arável que o litoral apresenta. Nem o litoral necessita de tantos ajustamentos físicos do terreno como exige esta zona montanhosa, razão pela qual sempre houve grandes dificuldades de acesso. Houve, pois, necessidade de resolver este problema e reduzir as dificuldades das deslocações como tentativa de não aprofundar esta desigualdade que conduziu a um grande despovoamento regional.

Necessário se torna não deixar prosseguir esta situação. Pode pensar-se que pelo facto de cá vivermos que estamos a querer impedir que as oportunidades económicas e de desenvolvimento que aparecem no País sejam desviadas para o interior. Na verdade é necessário que o interior seja beneficiado com mais oportunidades de crescimento e de desenvolvimento, mas não para prejudicar o litoral. Bem pelo contrário, se esta política de progresso que tem levado à desertificação do interior continuar, vai originar problemas graves na zona do litoral, porque as cidades, vilas e aldeias do litoral estão a crescer desordenadamente, à pressa, só porque precisa de mais braços de trabalho, mais seres humanos que procuram melhores condições de vida. Quer se queira, quer não, a qualidade de vida do litoral deteriora-se a olhos vistos, porque o aumento de população desenfreado provoca graves desequilíbrios locais. É esta a razão por que se deve favorecer ainda mais o interior do País e, de uma forma mais concreta, toda a “Corda do Rio”.

“O desenvolvimento do interior do país é assim um imperativo não só em benefício desse mesmo interior, mas em benefício de todos.”¹¹¹

Como agente de elevada importância no progresso de qualquer localidade, e desta forma toda uma zona geográfica, é a forma como se organiza a sociedade civil.

Havendo organismos de cariz social, quer sejam desportivos, políticos, religiosos ou de qualquer outra índole, tornam-se meios importantes para incentivar e movimentar as populações locais, não só cooperando para a concretização de ações próprias, assim como contribuem para o engrandecimento e valorização das instituições, e por conseguinte contribuem para o progresso e bem-estar local e da sua população.

Toda a Corda do Rio foi palco de um desenvolvimento após a revolução dos cravos. Inicialmente houve um movimento cultural que beneficiou todas as populações, como foram as campanhas de alfabetização, de esclarecimento político, de desenvolvimento social e económico.

Com as progressivas ações de limpeza das ruas, melhoramento das mesmas, abastecimento de eletricidade, de água e de saneamento, melhorou-se as condições de vida da população. As próprias autarquias foram beneficiadas. Os autarcas tomaram consciência de que servir a população estava acima dos seus próprios interesses particulares, criando sedes próprias para a autarquia, fazendo funcionar os seus órgãos consultivos, deliberativos e executivos de acordo com a lei.

¹¹¹ NEVES, João Dias, “Regionalização: Razões e Questões” in : *REGIONALIZAÇÃO textos oportunos*, p. 71

Foram criadas condições para instalação de pequenas e médias empresas em locais mais propícios e de fácil acesso, constituindo-se pequenos parques industriais.

As escolas foram totalmente remodeladas, havendo melhores condições de ensino aonde professores e alunos se sentissem mais confortáveis e desta forma mais animados para ensinarem e aprenderem.

Os centros de dia começaram a surgir aos poucos, porque inicialmente houve necessidade de se criar uma mentalidade nos idosos de que o facto de passarem o dia apoiados pela instituição de solidariedade social não significava que os filhos desprezassem os pais, ou estes se sentissem marginalizados. O que inicialmente era uma dificuldade passou depois a ser coisa comum.

Também no campo associativo jovem surgiram as coletividades de desporto, recreio e cultura e em quase todas elas constando a promoção social, cultural, desportiva, recreativa e cívica dos seus associados, nos seus estatutos.

Surgem mais tarde as associações de caça e pesca com a finalidade de uma melhor gestão dos bens naturais da caça e da pesca, tornando-se mais uma atividade recreativa e desportiva.

A nível religioso também melhoraram as atividades, e o embelezamento dos recintos religiosos tornou-se uma constante, com o empenho dos párocos e dos paroquianos.

Outras iniciativas foram sendo levadas a efeito, como festas populares tradicionais que estavam há muito no esquecimento das pessoas.

Com a criação de todo este conjunto de melhoramentos foi possível vermos na Corda do Rio não só o progresso, mas também a oportunidade dos jovens poderem estudar em locais de proximidade, de poderem fixar-se à terra que os viu nascer de modo firme e consistente, para que se tornasse possível um desenvolvimento cabal e seguro, para que a população fosse revigorada, se possível haver o seu aumento, ou pelo menos para uma estabilidade demograficamente segura.

5.4.1 - A EMIGRAÇÃO

Com a crise económica que tem afetado o País e à semelhança do que tem sucedido por este Portugal fora, também esta zona se ressentiu, e de que forma, da diminuição da população, pois os jovens saíram em debandada à procura de melhores dias por esse Mundo fora e os que cá ficaram estão cada vez mais envelhecidos.

As alterações profundas que se verificaram na segunda metade do século XX conduziram a atividade económica agrícola para um espaço diferente daquele em que a agricultura era complementada pela indústria caseira.

A saída maciça da população destes meios rurais diminuiu a pressão demográfica, e verificou-se uma estrutura diferente porque os terrenos mais pobres foram abandonados,

dando lugar à plantação de pinheiros, ou deixando mesmo esses terrenos incultos, ao sabor do crescimento de arbustos selvagens, como o mato, as estevas, as carquejas, etc. Contudo, os terrenos de lodeiro, isto é, aqueles que se situam junto ao rio Zêzere, esses continuam a ser cultivados.

Também o conjunto residencial deixou de ter a aparência antiga, de concentração populacional em determinada zona das povoações, e passou a crescer mais ao longo da estrada municipal, ou então foram surgindo pequenos aglomerados de casas em locais mais distantes, muitas vezes também ao longo da rua principal:

“Uma das principais realizações para a primeira geração de intervenientes na mobilidade externa foi, desde início, a construção de casa própria.

Se esta como construção física e objecto material com características arquitetónicas próprias e diferentes das tradicionais é vista como sinal de ruptura com o passado, sinal de *modernidade* e de aquisição de prestígio social, enquanto objecto de tradução económica e representação simbólica, é também sinal de independência.

A bem dizer, uma saída com sucesso traduz-se inicialmente na possibilidade de melhoria económica concretizada na aquisição/construção de bens materiais em que a casa própria é a primeira. Esta não é apenas objecto material de maior ou menor visibilidade, conforto ou afirmação social mas marca uma importante etapa familiar conducente à satisfação de uma necessidade básica.”¹¹²

Numa breve análise, podemos resumir que aquilo que se tem passado na Corda do Rio deve-se às alterações que se verificaram na segunda metade do século passado em Portugal, nomeadamente na queda da ditadura fascista, no fim da guerra colonial, e na relevância que a emigração teve, que foi fundamental para o desenvolvimento local e regional.

Poucas vezes e poucas pessoas dão estimação e consideração à família ou ao grupo familiar como meio de decisão e de investimento que as poupanças têm para o desenvolvimento. Contudo, este pormenor é importante quando nos referimos a localidades de dimensões reduzidas, como é o caso da Corda do Rio.

Recordo-me que nos anos 60 a emigração era um projeto familiar, cuja finalidade era apenas uma, a satisfação dos objetivos e necessidades da família; desta forma, e no seu conjunto de ações e opções é que vemos como se definem os modos de ser e de estar, ou sejam, as particularidades próprias da sociedade em que vivemos.

O desenvolvimento desta zona deu passos importantes e de grande valor, conforme constata não só os que por cá ficaram a residir, mas também por todos aqueles que, um dia, partiram para terras estranhas, à procura de dias melhores, de uma melhor qualidade de vida.

Podemos dizer que o crescimento da Corda do Rio é usufruído por todos, quer sejam ou tenham sido emigrantes, quer sejam quem nunca daqui saiu e ficou agarrado ao torrão natal. Porém, a evolução ocorrida, para quem emigrou, é sempre menor, realizada de forma

¹¹² MADEIRA, José Fernando Monteiro, *Mudanças desejadas e desenvolvimento provocado*, p. 122

lenta, relativamente ao progresso verificado nos países de emigração. De qualquer dos modos, seja para quem for, o desenvolvimento sabe sempre a pouco, pois todos sabemos que é próprio do ser humano dizer que não se sente completamente realizado.

Vejamos, para melhor explicitação, pois na prática encontramos formas diferentes de encarar este fenómeno de aperfeiçoamento e mudança.

Para os moradores, a mudança produziu marcas profundas com aquilo que reconhecemos do que acontecia aos nossos antepassados, com as carências e misérias a quase todos os níveis. Para quem emigrou, acham que as transformações são demasiadamente lentas, tendo como termo de comparação os países mais ricos e desenvolvidos aonde trabalharam, e viveram grande parte das suas vidas. Porém, estes têm consciência de que foram importantes agentes de mudança que auxiliaram no sentido de transformar, para melhor, a realidade social e económica das suas terras de origem.

Inicialmente, a emigração manifestou-se nestas localidades na construção de casas próprias, para que a família pudesse estar instalada em local condigno; em contrapartida, as condições económicas daqueles que por cá ficaram eram diferentes, e muitos destes residentes, isto é, não-emigrantes, acabaram também por serem influenciados em acompanharem a evolução que era contada por quem vivia na *estranja*.¹¹³

Para além da construção de casa própria, os emigrantes também foram potenciadores de transformação com o envio de remessas para uma conta bancária, e até, nalgumas situações criaram pequenas atividades económicas de cariz pessoal ou familiar; raramente os que regressaram, ou mesmo aqueles que ainda nos dias de hoje continuam emigrantes, demonstram a vontade de se interessarem em criar uma empresa com possibilidades de conceber postos de trabalho e contribuir para a riqueza local.

Os primeiros emigrantes foram aqueles que partiram em maior desvantagem, em relação aos que agora emigram, mas foram também aqueles que mais regressaram, os que mais mantiveram contatos com os familiares que por cá ficaram. Foram os homens que abandonaram Portugal, a sua terra-natal, como último recurso de sobrevivência, ou, nalgumas situações, para fugirem à guerra do ultramar. As suas habilitações, quer escolares, quer profissionais eram reduzidas, e em muitos casos eram nulas, razões pelas quais encontravam nos países acolhedores algumas dificuldades no que respeita a mobilidade profissional, pois encontravam-se num meio social muito mais competitivo, e por isso mesmo o seu lugar na escala social e profissional era o básico; quando regressaram, notava-se em todos eles, salvo casos raros, uma evolução, que apesar de lenta, era notória, não só a nível económico, mas também a nível social e cultural.

Quando regressam, se já estão reformados, ou se não pensam em exercer qualquer profissão, não se preocupam com o futuro, com a forma como vão estar na sua terra de origem. Todavia, se o regresso está associado ao exercício de alguma profissão, a experiência profissional adquirida lá fora, tem bastante importância no momento do retorno, e é habitual

¹¹³ Termo aportuguesado de “estrangeiro” e “estranha”.

vermos a forma rápida como se integram na profissão da qual obtiveram larga experiência no estrangeiro; e como as formas e maneiras de trabalhar são mais evoluídas lá fora, para além da rápida integração numa empresa em Portugal, também é mais rápida a sua ascensão a nível de carreira, graças à experiência e aos conhecimentos adquiridos.

O exemplo mais significativo em toda a zona da Corda do Rio refere-se à construção civil, pelo que não é nenhuma surpresa que esta atividade seja a que mais progresso conseguiu com a obtenção de mão-de-obra vinda do estrangeiro.

Relativamente à laboração profissional e crescimento de alguma empresa de ex-emigrantes, isto não significa necessariamente que os progressos se devam à qualificação e experiência profissional adquirida no país de emigração, mas também não quer dizer que por ter decidido escolher e apostar num ramo profissional diferente, que o resultado económico esteja condenado ao fracasso. Pode, e tem sucedido, com conhecimentos concretos, reais, que o conforto económico obtido, conduzem a um investimento lucrativo na economia local, regional e até nacional. Referimos o lançamento de uma empresa no Peso, que investiu na laboração de artigos em plástico e posteriormente se transferiu para o Parque Industrial do Tortosendo, a Joalpe, cujo fundador foi o Sr. José Alves Pereira, que hoje é a maior fábrica de artigos de plástico na Península Ibérica e a segunda maior a nível europeu. O que observamos em situações parecidas é que o ex-emigrante investe em coisas que parecem ser sem interesse, ou com interesse reduzido.

Fizemos referência já neste capítulo à questão dos lodeiros. A grande propriedade estava localizada nas margens do rio Zêzere, que antigamente, ou melhor dizendo, até há cerca de uns 30 anos atrás pertencia a um único proprietário, que a cedia a alguns pequenos agricultores, mas que agora pertence maioritariamente a dois emigrantes, e parte foi vendida a outros emigrantes menos abastados economicamente. O que sucede hoje é que todos os terrenos, a que chamamos lodeiros, estão completamente cultivados.

A aplicação de economias, na maioria dos nossos emigrantes, diz respeito a um pequeno conjunto de atividades cujo investimento é de baixo risco, para além de ser relativamente diminuto. Normalmente são investimentos no pequeno comércio tradicional, como sejam os cafés, mercearias, talhos, etc. Outros investimentos de que temos conhecimento são em oficinas de reparação de automóveis, carros de praça conhecidos por táxis, lojas de mobiliário ou pequenas confeções.

Todas estas formas de investimento desempenham uma promoção social dos seus proprietários, e desta forma um acréscimo de prestígio em relação ao momento em que emigraram.

5.5 - O TURISMO

É a Corda do Rio uma bonita zona que atrai turistas em qualquer época do ano, mas de modo especial na época de Verão. Para além da boa gastronomia e da variedade e qualidade da mesma, como sejam os brulhões, os enchidos, as filhoses, e outras especialidades que podemos apreciar em qualquer das localidades, destacamos alguns pontos turísticos de interesse de acordo ao Dicionário Enciclopédico das Freguesias e nossa confirmação pessoal:

Interesses turísticos na Corda do Rio

Localidade/Interesse turístico	Património Natural	Gastronomia	Artesanato
Dominguiso	Praia Fluvial	Bolo de xadrez e papas de milho	Mantas de ourelos
Vales do Rio	Rio Zêzere	Cabrito assado, brulhões, filhoses e arroz-doce	Mantas de ourelos
Peso	Rio Zêzere	Grão-de-bico com ovos, pão-leve, estufado de perdiz, beringelas fritas com ovos, brulhões, enchidos	Mantas e passadeiras de ourelos, pintura, e cantaria em granito.
Coutada	Piscina com parque de merendas	Brulhão e cabrito	Fabrico de bombos e sapateiro manual
Barco	Praia fluvial e zona de lazer com piscina.	Brulhões, enchidos, peixe do rio e javali	Pintura e mantas de ourelos

Capítulo 6

A RELIGIÃO

Ao trazermos à colação a *religião* vem-nos de imediato à memória uma série de factos que nos conduzem a experiências que cada ser humano tem com o sagrado. O termo tem várias interpretações, que variam consoante as culturas dos diversos povos do mundo.

Transcrevo um pequeno texto que elaborei a este respeito, quando estudante do 3º ano de Filosofia, na cadeira de Filosofia da Religião:

“A manifestação do sagrado funda ontologicamente o mundo”¹¹⁴

A manifestação do sagrado é designada por hierofania; esta manifesta-se, para as pessoas crentes, em várias formas, tanto pode ser uma árvore, uma pedra, ou outra coisa qualquer da natureza; basta que essa coisa se mostre como algo diferente, como *outra coisa*, mas contudo continua a ser, em si mesmo, a mesma coisa, a mesma árvore ou pedra. Para quem tem uma crença religiosa facilmente “vê” na natureza, no cosmos, ou à sua própria volta, algo como manifestação do sagrado.

Como pode a manifestação do sagrado fundar ontologicamente o mundo?

Quando a hierofania altera o espaço ou o tempo, ou a acção, gera um santuário, um calendário ou uma prescrição / proscricção, respectivamente. Esta alteração é ontológica, isto é, do ser enquanto ser na sua religiosidade, na *revelação de uma realidade absoluta*¹¹⁵.

A revelação desta verdade tem uma existência que foi percebida pelos sentidos, que existe fisicamente, localizada ao pormenor num determinado ponto fixo. Estabelecido este ponto fixo, a que se chama “Centro do Mundo” torna-se necessário fundá-lo para se viver nele. Assim surgem os santuários, as igrejas, os mais variados locais de culto, de variadas formas, consoante as culturas dos povos.

A manifestação do sagrado funda ontologicamente o mundo porque a primeira experiência do homem é estar no mundo. Toda a morada se situa perto do *Axis Mundi*. Mesmo para o homem não-religioso existem locais “sagrados” do seu mundo pessoal, privado: terra-natal, local do 1º encontro amoroso, visita a uma cidade, etc. Estes locais implicam uma hierofania que os tornam qualitativamente diferentes de todos os outros.”

Podemos perceber a religião pelas práticas e maneiras que o ser humano adota da distinção ou diferença transcendente, com um dom superior, como sagrado ou como um Deus único, criador e providente, mas uma certeza, porém, podemos ter, que a religião é, por natureza, influência e pertença do sagrado.

¹¹⁴ MIRCEA ELIADE, *O Sagrado e o Profano* Cap. I, Livros do Brasil, Lisboa, 1999, p. 36

¹¹⁵ *Ibidem*

No dizer conjunto de três ilustres professores, Artur Morão, José Rosa e Manuel Costa Freitas “ Todo e qualquer fenómeno religioso constitui uma experiência *sui generis* suscitada por uma espécie de encontro ou contacto directo e imediato com o sagrado.”¹¹⁶

Há nestas localidades da Corda do Rio uma religiosidade ainda intensa, embora se verifique que já não é com a mesma força e exuberância de algumas décadas a esta parte.

6.1 - IGREJAS, CAPELAS E ERMIDAS

Em todas as localidades desta zona geográfica existem igrejas, algumas capelas e ermidas que a seguir se mencionam.

No DOMINGUIISO¹¹⁷

- Igreja matriz;
- Capela de S. Sebastião.

Em VALES DO RIO¹¹⁸

- Igreja matriz;
- Capela de Santa Margarida.

No PESO¹¹⁹

- Igreja matriz; →
- Capela do Divino Espírito Santo;
- Capela do Senhor dos Passos;
- Capela de Nossa Senhora de la Salette;
- Capela do Mártir S. Sebastião.



Fig. 9 - Igreja paroquial do Peso, pintura nossa

¹¹⁶ MORÃO, Artur et all, Artigo *RELIGIÃO*, in VELBC - Séc. XXI, p.7

¹¹⁷ *Dicionário Enciclopédico das Freguesias*, Vol.4, p. 140

¹¹⁸ Idem, p. 153

¹¹⁹ Idem, p. 145

Na COUTADA¹²⁰

- Igreja matriz;
- Capela de S. Sebastião.

No BARCO¹²¹

- Igreja matriz

6.2 - AS CONFRARIAS E AS IRMANDADES

Confrarias e Irmandades são agrupamentos sociais fundados com carácter religioso, constituídas por pessoas que professam a religião católica, que se empenham e responsabilizam por atividades de beneficência e apoio a outras pessoas cujas necessidades sejam materiais, morais ou espirituais.

Normalmente as confrarias são associações de pessoas do mesmo ofício, ou categoria, que levam o mesmo modo de vida, e aquelas que possuem uma mesma afinidade de devoção por determinado santo ou santa.

Já as irmandades têm mais um carácter de apoio social, não só pelos vivos, mas também pelos defuntos. As irmandades das almas estão integradas na Comissão Fabriqueira.

A existência destes grupos é secular na nossa região. Assim podemos verificar a existência da Irmandade das Almas cuja quotização dos seus membros reverte para um fundo que se destina a mandar rezar missas pelos associados que estavam inscritos. Até há relativamente menos de um século que esta irmandade também se encarregava de participar nas despesas de funeral das pessoas mais desfavorecidas; esta prática deixou de se realizar a partir da criação das antigas caixas de previdência.

A existência de confrarias está mais ligada a nomes de santos, como sejam a do Santíssimo que zela pelas despesas da igreja paroquial; a confraria de santos zela pela realização das festas anuais, para as quais são nomeadas anualmente comissões que se responsabilizam pela organização das festas em honra do respetivo padroeiro.

Existe depois também a denominada Comissão Fabriqueira, que significa Fábrica da Igreja, que administra todos os bens e rendimentos da Paróquia, à qual as restantes confrarias têm de prestar contas anuais.

¹²⁰ Idem, p. 139

¹²¹ Dicionário Enciclopédico das Freguesias, Vol.4, p. 134

No DOMINGUIO

- Comissão Fabriqueira;
- Comissão de S. Sebastião;
- Comissão do Divino Espírito Santo.

Em VALES DO RIO

- Comissão Fabriqueira;
- Comissão de Santo António;
- Comissão de Santa Margarida.

No PESO

- Comissão Fabriqueira;
- Comissão de N^a Sr^a de la Salette;
- Comissão do Divino Espírito Santo;
- Comissão de Santa Maria Madalena;

No Peso existe também uma Comissão de Festas, em honra de Santa Bebiana, que não é de carácter religioso, mas já centenária, segundo a tradição popular. A igreja católica não possui nenhuma santa com este nome.

Também é conhecida por Santa Bodiana, a quem se atribui ser a padroeira das mulheres bêbedas. Anualmente é lembrada com uma festa profana, de cariz popular e pagã, e realiza-se no dia 2 de Dezembro; quando esta data se situa durante a semana, a festa é realizada no primeiro sábado de Dezembro. Para além de haver grandes quantidades de comida, pois assam-se porcos inteiros, e uma variedade de enchidos como morcelas, chouriças, e como não podia deixar de ser, para honrar a Santa, há vinho em abundância. Como a despesa é custeada através de peditórios feitos pela população, a comida e a bebida é distribuída gratuitamente pela população presente e por todos os forasteiros que nesse dia nos visitam.

Antes de começar a distribuição da alimentação realiza-se uma procissão na qual se incorpora o andor com a imagem de Santa Bebiana; esta imagem é de madeira, representa uma mulher vestida de roxo, com um cantil de vinho a tiracolo; para além da participação de muitos populares, de ambos os sexos, residentes e forasteiros, a cerimónia é presidida por um denominado Bispo, tradicionalmente representado pelo senhor João de Jesus Aleixo da Siva, e por um sacristão, que por hábito é o senhor José Manuel Rebelo Redondo Gaspar.

Depois de percorrer algumas ruas da localidade, o Bispo faz a sua pregação salientando as qualidades da santa e dos seus milagres extraordinários, e incentiva os fiéis a uma devoção moderada; em virtude de haver muita gente pecadora, e na impossibilidade de poder confessar cada um por si, o Bispo procede à confissão pública de uma penitente

voluntária, que por sua vez representa as pessoas presentes, e depois de confessados os erros e faltas cometidas, vulgo bebedeiras, ao longo do ano, o Bispo concede-lhes o perdão.

Na COUTADA

- Comissão Fabriqueira;
- Comissão de S. Sebastião e de Nossa Senhora da Saúde;
- Comissão de S. José.

No BARCO

- Comissão Fabriqueira;
- Comissão de S. Sebastião;
- Comissão de S. Simão

6.3 - FESTAS RELIGIOSAS, PROCISSÕES E ROMARIAS

Em todas as localidades da Corda do Rio há festas anuais. Desta forma poderemos assistir às seguintes festas locais cujas datas de realização das mesmas se indicam.

No DOMINGUIO¹²²

- S. Sebastião, em Julho/Agosto;
- Divino Espírito Santo, no 3º domingo de Agosto.

Em VALES DO RIO¹²³

- Santo António, no dia 13 de Junho ou no fim-de-semana seguinte;
- Santa Margarida, a 15 de Agosto.

No PESO¹²⁴

- Nossa Senhora de la Salette, no 2º domingo de Setembro;
- Divino Espírito Santo, cinco semanas após a quaresma;
- A Encomendação das Almas é feita na quaresma;
- Santa Maria Madalena, no dia 15 de Agosto.

¹²² *Dicionário Enciclopédico das Freguesias*, Vol.4, p. 140

¹²³ *Ibidem*, p. 153

¹²⁴ *Ibidem*, p. 145

Na COUTADA¹²⁵

- S. Sebastião e Nossa Senhora da Saúde, no 2º domingo de Agosto;
- S. José, no dia 19 de Março, ou no domingo seguinte.

No BARCO¹²⁶

- S. Simão, no dia 28 de Outubro;
- S. Sebastião no 4º domingo de Agosto.

Habitualmente há sempre procissões nestes acontecimentos religiosos, as chamadas romarias, que são “viagens ou peregrinações religiosas a um santuário, especialmente as que se fazem por devoção”¹²⁷. Têm lugar em locais apropriados, mais conhecidos por recintos, aonde se situa uma ermida em honra do santo ao da santa.

“No século XIX, as grandes peregrinações marianas eram feitas aos santuários de La Salette (1846), de Lurdes (1859), e do Sameiro (Espinho, distrito de Braga), depois de 1869. No século XX, o destaque vai para as peregrinações a Fátima”¹²⁸.

Na Corda do Rio os recintos existentes são aqueles a que se referem as festas anuais mais importantes, em que a tradição é de longa data.

No Peso, por exemplo, remonta a 1864 o início do culto a Nossa Senhora de la Salette introduzido pelo Presbítero Vicente Duarte Pires realizando-se, também, desde o mesmo ano a sua festa anual no segundo Domingo de Setembro:

“Se, até data recente, se insistia na distinção entre a piedade das massas e a atitude das elites, hoje, a pesquisa histórica sublinha a emergência da secularização relacionada com os progressos do urbanismo, as novas formas de educação, de sociabilidade e de comunicação. As realidades económicas, sociais e culturais do turismo e o impacto da emigração não podem ser esquecidos nesta evolução. Não que isso signifique necessariamente um decréscimo do fenómeno religioso, que é permanente, mas que ele subsiste, não raras vezes, sedimentado em expressões algo descaracterizadas (e mesmo desenraizadas) nas suas formas e funções devocionais.”¹²⁹

Esta é uma das matérias, que se forem desenvolvidas por quem pretenda fazer novas pesquisas, poderá enriquecer o conteúdo das informações existentes.

¹²⁵ *Ibidem*, p. 139

¹²⁶ *Ibidem*, p. 134

¹²⁷ HOUAISS, António, *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, tomo VI, p. 3201

¹²⁸ PEREIRA, José Esteves, *Piedade Popular em Portugal*, tomo III, p. 559

¹²⁹ *Idem, Ibidem*, p. 31.

RECINTO DE NOSSA SENHORA DE LA SALETTE - PESO



Fig. N.º 10 - Capela de Nossa Senhora de la Salette



Fig. N.º 11 - Capela de S. Sebastião e bar das festas

Capítulo 7

A TRADIÇÃO, A CULTURA E O ASSOCIATIVISMO

Neste último capítulo da primeira parte vamos fazer referência à toponímia, isto é, às origens dos nomes das localidades, seus usos e costumes, bem como da existência de movimentos associativos.

7.1 - A ORIGEM DOS NOMES

A origem do nome BARCO surge do facto de uma deliberação da Câmara da Covilhã em 9 de Janeiro de 1845¹³⁰ no sentido de mandar fazer uma nova barca para aquela localidade, pois era a única que fazia a ligação das duas margens do rio Zêzere e que pertenciam ao concelho da Covilhã, e que “sem este meio antiquíssimo era impossível a passagem das pessoas para os campos que intensamente cultivavam na margem esquerda virados a jusante, com a maior área agrícola ali localizada.”¹³¹

O nome de COUTADA, e segundo o Dicionário Geográfico de Portugal e Algarves “tem em português duas significações, a geral quer dizer: território ou terra que se fez couto ou que foi *coutada*. Em muitas terras do sul de Portugal, porém, dá-se o nome de *coutada* a uma extensão de bosque cercado de parede. É maior do que um *cerrado* ou *tapada*.”¹³²

O nome do PESO não tem origem certa. Há autores que fazem referência ao *Diccionario de Portugal Antigo e Moderno* de Augusto Soares d’Azevedo Barbosa de Pinho Leal tentando dar uma origem ao nome PESO,¹³³ reportando-se à origem da palavra “peso”, e logo a seguir, ao fundo da mesma página, vem a descrição geográfica e histórica do *PÊSO, freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho da Covilhan, 48 kilometros da Guarda, 270 ao E. de Lisboa*.

Também se referem a uma lenda popular que narra que numa passagem do Zêzere:

¹³⁰ Livro de Actas da Câmara nº 7 de 09.01.1845 a 12.11.1945 - Arquivo Municipal da Covilhã

¹³¹ DELGADO, Rui, *História Temática da Covilhã (1800 a 1926)*, vol IV, p. 92

¹³² MARQUES, Pedro José, *Diccionario Geographico abreviado das oito provincias dos Reinos de Portugal e Algarves*, p. 415

¹³³ LEAL, Augusto Soares d’Azevedo Barbosa de Pinho, *Portugal Antigo e Moderno*, vol. 6º p 697

“um dia um almocreve cruzou o rio de saco às costas, na travessia perdeu alguma mercadoria, não se dando conta do facto, quando chegou à outra margem, terá dito, ó que pesinho! Já antes teria dito, ó que peso! E assim chegando ao conhecimento popular puseram os nomes de Peso à margem direita do rio, Pesinho, à margem esquerda.”¹³⁴

Aqui está uma das matérias, que se forem desenvolvidas por quem pretenda fazer novas pesquisas, poderá enriquecer o conteúdo das informações existentes. Por razões que se prenderam por falta de tempo, não nos foi possível averiguar uma versão que nos foi dita oralmente, de que antigamente houve no Peso um fabricante de pesos nesta localidade. Tendo em conta que nos tempos de D. Sancho I e de D. Afonso III já se utilizavam pesos e medidas, e que a gramagem dos mesmos variavam de localidade para localidade, é muito mais provável, e com uma certa lógica, que caso aqui existisse um fabricante de pesos, que os comerciantes se referissem a que tinham aqui vindo comprar um *peso*, daqui originando o nome da localidade. Contudo, possuo cópia do exemplar do Mapa de Portugal de Fernando Álvares Seco, editado entre 1608 e 1621, baseado na edição *princeps* de Roma, 1561, por isso

“Considerado o mais antigo mapa impresso de Portugal, é um dos primeiros levantamentos de grande vulto do território de um país, utilizando, ao que se crê, o levantamento geométrico; apresenta 1154 topónimos, pormenorizada orografia e hidrografia, divisão administrativo-judicial e delimitação territorial com a Espanha. Gravura sobre cobre, talha doce, aguarelada, com 380 x 500 mm. Escala aproximada de 1:800 000. (Instituto Geográfico e Cadastral, Mapoteca, Coleção de Cartas Antigas, nº 46).”¹³⁵

Neste mapa, podemos ver que no início do século XVII o Peso era denominado *Peso d’Aquém*, e o Pesinho conhecido como o *Peso d’Além*.



Fig. 12 - *Peso da lem* (PESINHO) e *Peso da quem* (PESO)

¹³⁴ FERNANDES, Adelino Pais, *Concelho da Covilhã e Memórias Paroquiais de 1758*, p. 128.

¹³⁵ *Atlas de Portugal*, Selecções do Reader's Digest, Lisboa, Outubro de 1988, p. 2

A toponímia de VALES foi dada “ao aglomerado populacional que se instalou à volta do Regato e do ribeiro principal, e ainda aos outros pequenos vales onde circulam os ribeiros atrás referidos e onde os seus habitantes cultivavam as melhores terras.

Segundo as nossas fontes, só a partir do princípio da segunda metade do século XX, a povoação ficou conhecida com o nome de VALES DO RIO, devendo-se tal situação ao facto de três dos principais empresários desta aldeia, os senhores Firmino Aguilar, António Paulo e José Madeira, se sentirem prejudicados nos seus negócios, causados pelo atraso da sua correspondência, tendo decidido acrescentar *do Rio*, devido à proximidade do rio Zêzere, ao termo anterior de *Vales*, passando a partir de então a aldeia ser conhecida com o nome de Vales do Rio, embora a generalização deste nome ainda demorasse alguns anos.”¹³⁶

O DOMINGUIISO tem a origem do seu nome na “antiga freguesia conhecida por Divino Espírito Santo era curato anexa ao priorado de S. João do Monte In Colo, passando mais tarde a freguesia independente com o título de Vigaria. Vigaria não tinha igreja e como o seu povo era cristão, gostava de vir todos os Domingos à missa. Para isso, dirigiam-se a Alcária, a povoação mais próxima. Então os habitantes de Alcária, começaram a chamar Domingueiros àqueles estranhos que todos os Domingos invadiam a sua igreja. Assim com o passar dos tempos este povo começou a ser conhecido como DOMINGUIISO, mas ainda primeiramente como Domingueiro. Além desta existe ainda outra justificação para o nome da aldeia. Diz-se ter existido nesta povoação uma Viscondessa chamada Dominguiso, que era muito caridosa e benévola, cujo marido prestou serviços à causa constitucional no reinado de Luís I.”¹³⁷ Outras versões existem sobre a origem do nome de Dominguiso:

“O curioso nome da freguesia deve-se, segundo Alexandre Carvalho Costa em *Lendas, Historietas, Etimologias Populares e outras etimologias respeitantes a Cidades, Vilas, Aldeias e lugares de Portugal Continental*, a um indivíduo que viveu aqui em tempos remotos e que se chamava Dominiguiz ou Dominguiso, que iria degenerar em Dominguiso. Outra tradição aponta os lacticínios como tendo estado na base do nome. Aqui vivia o “senhor dos queijos”, responsável pela sua qualidade, e que em latim se dizia *dominus quejum*.”¹³⁸

7.2 - USOS E COSTUMES

A Corda do Rio é uma zona muito semelhante, praticamente em todos os aspetos, como temos vindo a reparar ao longo deste trabalho.

¹³⁶ ANDRADE, Jorge, *Brulhão, o sabor da tradição*, p. 20

¹³⁷ <http://dominguiso.paginas.sapo.pt/historia.html>

¹³⁸ <http://www.cm-covilha.pt/simples/?f=2412>

Geologicamente fica entre as serras da Estrela e da Gardunha e é banhada pelo rio Zêzere, possuindo para além desta fonte hidrográfica diversos cursos de água em todas as localidades. Demograficamente não há uma grande disparidade de uns locais para os outros. Administrativamente, quer na parte civil ou religiosa os órgãos de funcionamento são todos semelhantes. Economicamente o nível é análogo entre as povoações. Por todos estes motivos os usos e costumes em todas elas serão, digamos que quase forçosamente, muito parecidos.

Por este motivo, apresento os usos e costumes de uma forma generalizada, o que não significa que os mesmos sejam rigorosamente iguais em toda a zona, e particularmente de terra em terra.

A vida individual regulava-se por regras, que eram avaliadas pelos usos e costumes ditados pela tradição.

Como toda as pessoas se conhecia umas às outras, os casamentos eram feitos entre gente que se conhecia desde o nascimento. No entanto esta regra não era geral porque também havia com alguma frequência enlances entre cidadãos de terras diferentes; um dos motivos para que esta situação sucedesse deve-se, precisamente, ao facto das localidades em estudo se situarem muito próximas umas das outras, pois a distância entre a localidades do Dominguiso e do Barco, que se situam nos extremos, é apenas de dez quilómetros.

O que influenciava a escolha dos rapazes é que recaísse sobre uma rapariga que, para além de boas qualidades físicas e morais, tivesse pais com propriedades agrícolas; depois as outras qualidades consideradas fundamentais na mulher eram, para além de ser saudável, que soubesse cozinhar e ser boa dona de casa.

Quando nasciam os filhos, a parteira era sempre uma mulher da terra, já com idade por volta dos 50 anos, experiência de vida e prática necessária para solucionar qualquer problema que eventualmente surgisse; com o andar dos tempos passou-se a recorrer a uma enfermeira-parteira que havia no Instituto Maternal da Covilhã, conhecida por D. Laura.

A amamentação da criança estendia-se até aos dois anos de idade, e no caso de a mãe não poder dar leite, recorria-se a uma vizinha ou amiga, para amamentar a criança.

Os berços de madeira,¹³⁹ como este que se mostra na figura ao lado, tinham a parte que assentava no chão, de forma oval para se poder embalar a criança. Por vezes, quando a criança



Fig. n.º 13 – Berço antigo de madeira

chorava de noite, os pais para não terem de se levantar, resolviam o problema de embalar o bebé de forma *sui generis*: a ponta de um cordel atado a um prego espetado na barra de madeira transversal ao berço, e a outra ponta do mesmo à cabeceira dos pais, para poderem provocar o baloiço do berço. Porque faziam isto? Por preguiça dos pais se levantarem de noite para cuidar do filho? Por estar frio, e a casa não estar quente? Estas e outras questões se

¹³⁹ <http://terrenho.blogspot.pt/2012/09/berco-antigo.html>

poderão colocar para quem quiser fazer um levantamento sobre esta matéria, e que desta forma enriquecerá o conteúdo deste estudo.

Aos sete anos era dado um relevante passo na vida das crianças, que era a entrada na escola primária. Era uma coisa importante para todos os miúdos, que os deixava contentes.

Recorda-se que esta situação escolar não é um facto tão antigo como possa parecer. Em 31 de Dezembro de 1873, a Câmara Municipal da Covilhã informou o Governo Civil de que

“é de toda a conveniência e utilidade a criação da escola na freguesia do Peso.”¹⁴⁰

A Junta de Parochia do Barco envia ofício nº 244 em 5 de Maio de 1874 “em que pede ao Governo de sua Magestade a criação de uma cadeira de primeiras letras para o sexo masculino.”¹⁴¹

Para além de tardia, a criação das escolas era para rapazes, e só no século XX começaram a ser criadas escolas para o sexo feminino, e escolas mistas.

Os pais destas nossas aldeias, embora analfabetos, reclamavam junto do poder local para que as suas crianças passassem a frequentar o ensino primário, apesar de saberem que com esta atitude as crianças deixavam de se dedicar às lides da terra, ao cultivo da agricultura.

Também tendia a atenção de toda a população para que os seus filhos fossem preparados no catecismo para que pudessem depois fazer a 1ª comunhão, também conhecida por Comunhão Solene, como primeiro passo para serem crismados.

O Crisma consistia no aprofundamento do catecismo e na introdução de regras gerais de conduta que todas as pessoas deviam seguir, e depois desta aprendizagem é que o Bispo da Guarda vinha confirmar a ligação de todo o indivíduo ao sobrenatural; desta forma introduziam-se os jovens e adultos à obrigação de se comportarem dentro dos limites das leis de Deus, e na mesma admitirem os seus descendentes, orientando e conduzindo os comportamentos de forma a não serem admoestados a nível social. Esta cerimónia tinha sempre a sua importância com cariz festivo.

As refeições no dia-a-dia eram simples, feitas à base de pão. De manhã, o homem quando saía de casa para o trabalho comia, numa tijela de barro, pão migado com café de cevada, ou com leite. Assava um pedaço de carne gorda de porco, e metia num pedaço de pão e assim completava a sua primeira refeição. Quando havia “feijão do forno” o pequeno-almoço alterava para o camponês que comia uma boa tijela de feijão, bem regado com azeite que cultivava.

Na realidade a alimentação não era boa, nem suficiente. Repartia-se uma sardinha por três, o que significava falta de conduto, isto é, aquilo que se come depois da sopa. Excetuando a matança do porco no final do ano, as cabras que se comiam por altura das

¹⁴⁰ Livro de Actas das Sessões da C.M.C. 1872 e 1873, cota nº 29, p. 190 v.

¹⁴¹ Livro de Actas das Sessões da C.M.C. 1874 a 1881, cota nº 30, p. 64 v.

festas, as galinhas e coelhos quando alguém de família adoecia, não havia mais carne nas casas ao longo do ano. A base da alimentação, para além do pão como já se referiu, era constituída por aquilo que a agricultura ia produzindo, como sejam as batatas, os feijões, as hortaliças e as frutas; de vez em quando lá se comprava algum arroz ou massa para se conseguir um “caldo” mais rico.

Como não havia frigoríficos nem arcas congeladoras, utilizavam-se as salgadeiras para a carne, e os potes de barro vidrados para os enchidos, como a chouriça de carne de porco, morcelas de sangue, morcelas de arroz, farinheiras e as mouras. Antes de se meterem nos potes com azeite, os enchidos passavam pelos fumeiros, ou seja, por cima do local aonde se acendia o lume na cozinha colocavam-se, suspensas em cordas, várias varas de madeira nas quais se penduravam as diversas peças de enchidos; aqui permaneciam até ficarem com um aspeto de secos, para depois poderem ser introduzidas dentro dos potes. Estes trabalhos culinários eram sempre feitos da mesma forma, a técnica era sempre a mesma, mantendo-se assim uma tradição ancestral.

Também havia a tradição do pão ser cozido em fornos comunitários. No fabrico do pão entra como principal matéria-prima a farinha; esta é um produto obtido da moagem de determinados cereais como o trigo, o centeio ou o milho.

Para a obtenção deste cereais nas melhores qualidades e quantidades deveriam ser semeados nos seguintes locais: o milho, nos lodeiros junto ao rio; o centeio nos alqueves dos cabeços como a Pedra Alta, a Cilha, a Giestosa, etc.; o trigo nos terrenos intermédios entre as sementeiras do milho e do centeio; todos estes terrenos, embora secos, devem ser de boa qualidade.

Ceifado o trigo e o centeio eram colocados nas eiras sob o tórrido calor solar; nos primeiros dias de Julho os cereais eram arrumados no chão, em porções sobrepostas de modo que uma camada ficasse invertida em relação à camada anterior; as espigas de um estrato ficavam viradas para o lado oposto na camada seguinte e assim sucessivamente.

Com antecedência conveniente combinavam-se os homens para o dia, hora e local da malha. Não havendo máquinas malhadeiras, a malha era feita com um utensílio próprio chamado malho, mas que no Peso era mais conhecido por mangual. Este era um pau redondo, grosso, de madeira, na ponta do qual havia uma junção feita em tiras de cabedal, que o ligava a um cabo grosso, mas mais comprido.

A malha era uma tarefa feita com prazer e alegria. Aliás, assim era todo o trabalho do campo. No final da malha, chegava a recompensa do esforço despendido, com a refeição; esta era de “fazer peito”, isto é, uma boa refeição em quantidade, mas também em qualidade; raramente faltava um prato de grão cozido, abundantemente acompanhado com conduto do melhor que havia na salgadeira, ou no pote dos enchidos, para além da deliciosa pinga de vinho caseiro.

Os grãos de cereais eram triturados nos moinhos. No Peso havia, no início do século XX, dois moinhos para fabricarem a farinha; estavam ambos situados relativamente perto um

do outro, no sítio da Barroca, junto ao Braçal, por ser uma zona com uma certa elevação, e aonde corre bastante vento propício a fazer mover as velas.

Um dos moinhos pertencia ao Sr. Vicente de Almeida e o outro ao Sr. João Gonçalves. Deste último já não há vestígios, do outro ainda é possível observarem-se resquícios.

Os moinhos também tinham as suas particularidades quanto à melhor maneira de produzirem a farinha. Assim, o centeio e o milho deveriam ser moídos na pedra centeeira, ao passo que para se obter uma boa qualidade de farinha de trigo, este deveria ser moído numa pedra alveira; caso contrário a qualidade da farinha de trigo diminuía dando origem a que o pão fabricado com ela fosse conhecido por pão borneiro. Por esta razão a padaria dos Belarminos do Peso mandavam moer o trigo num moinho do Paul, cujas pedras eram alveiras; o centeio e o milho já eram encaminhados para um dos dois moinhos do Peso.

Devido à qualidade do pão fabricado no Peso houve necessidade de estipular dias certos para a distribuição, que nessa época era feita em carroças puxadas por machos. Assim, às terças e sextas-feiras havia distribuição na Coutada, Barco e Paul; às quintas-feiras, deslocavam-se às Cortes do Meio e Bouça; às quartas-feiras e sábados iam aos Vales do Rio, Dominguiso e Tortosendo. À segunda-feira, como é dia de mercado no Fundão, não havia distribuição de pão, pois havia necessidade de comprar trigo, ou até farinha de trigo no armazém do Capitão Videira do Fundão.

Depois de triturado o cereal, o produto obtido era peneirado, ou seja, joeirado por um crivo, de preferência de pano ou de arame muito fino; obtinham-se dois produtos idênticos, mas distintos; por um lado, a farinha, que se destinava ao fabrico de pão, de bolos e outras receitas de culinária; por outro lado, o farelo, que era o produto mais grosso proveniente da moedura, que se destinava à alimentação de animais domésticos, tais como porcos, galinhas, etc.

Recorda-se que no tempo das grandes guerras, de 1914 a 1918, e a de 1939 a 1945, devido à escassez de cereais, até o farelo era aproveitado para o fabrico de pão e que por dentro, até praganas¹⁴² trazia; e mesmo deste pão, pouco havia, e era racionado.

Antes de existirem as padarias, o pão era cozido em fornos comunitários ou coletivos. Havia no Peso, em meados do século passado, nove fornos, sendo dois deles tipo comercial ou industrial, e os restantes sete eram tipo comunitário ou coletivo.

Para se fazer a massa do pão é necessário farinha, água quente e fermento. O amassar do pão era feito num masseirão.¹⁴³ Para se retirar os restos da massa do masseirão utilizava-se uma raspadeira.

O forno era aquecido a lenha; o trabalho de aquecer o forno, ir à lenha, meter a massa do pão no forno, retirá-lo já cozido, entregar o pão na casa do cliente, tudo isto era trabalho que tinha de ser pago. O pagamento destas tarefas não era feito a dinheiro, por ser escasso, mas com a poia.¹⁴⁴ Por cada tabuleiro de pão cozido, a forneira retirava uma poia.

¹⁴² Restos das espigas de cereais.

¹⁴³ Recipiente retangular, em madeira.

¹⁴⁴ Pão grande que servia de forma de pagamento à forneira pelos serviços prestados.

O trabalho da forneira ia muito mais além do que isto. Para além da gestão do tempo, ela tinha de racionalizar o gasto da lenha. Deve ter-se em conta que é mais fácil e menos dispendioso, em termos de gastos de lenha, manter um forno quente durante dias seguidos do que deixar apagá-lo. Depois arrefecer, ter de voltar a acender de novo e aquecer até atingir a temperatura ideal, vai gastar muito mais lenha.

Nesta ordem de ideias, tornava-se indispensável para a forneira, que as suas clientes se preparassem convenientemente para que, em determinado dia e hora indicado, estivessem com os tabuleiros da massa nos balcões de pedra do forno, à espera da vez de meterem o seu pão. Esta racionalização de trabalho pressupunha também um contato quase permanente entre forneira e cliente; este contato era feito por crianças, pois não havia telefones, e muito menos se imaginava um telemóvel.

Todo este trabalho, desde o amassar, até retirar o pão do forno, seguia a mesma regra geral de todos os restantes trabalhos duros do campo, ou seja, era também um trabalho executado com alegria e com cantares.

Deixo apenas aqui o refrão da cantiga de quem fazia pão saboroso:

Assim se amassa,
Assim se peneira,
Assim se dá volta,
Ao pão na masseira.

Também a parte religiosa estava presente nestes atos, e por isso se rezava ao colocar o pão dentro do forno:

O Senhor te acrescente na masseira e no forno, como Deus aumentou o Mundo.
- S. Vicente te acrescente, S. João te faça bom pão, e nós a comer e tu a crescer;
- Em nome de S. Mamede, Deus te levede;
- Em nome de S. Vicente, Deus te acrescente.

Não se pode desassociar do pão a existência do azeite. A Corda do Rio é uma zona rica em olival, de boa azeitona e do melhor azeite. No Peso havia até há poucos anos, quatro lagares aonde se produzia azeite de boa qualidade. O mais importante era, sem dúvida, o lagar do Sr. Firmino Aguilar, situado na Cruzinha, junto ao cemitério. Era um lagar de prensa hidráulica. Continua a ser o único lagar existente no Peso, mas foi completamente remodelado, em virtude das obrigações legislativas comunitárias, que o tornam num lagar moderno.

Havia mais dois lagares no Ribeiro do Braçal, que eram movidos a água.

Finalmente havia num quintal da Rua Direita, um lagar de azeite que era movimentado pelas forças de bovinos; estes lagares tinham o nome de “Atafonas”. Já não há vestígios deste lagar.

Havia uma tradição antiga, que se concretizava na época de funcionamento dos lagares, era fazer a tiborna. A tiborna consistia em torrar pão, de preferência broa de milho, e depois mergulhar a fatia da broa num prato com azeite; no final de todos molharem bem o pão no prato do azeite, este era misturado com vinho tinto; a esta mistura de azeite, restos de broa e vinho, chama-se “champorrião”, que depois era bebido.

Se outrora se fazia a tiborna por necessidade alimentar devido à exiguidade de comida em casa, atualmente faz-se esta iguaria, como entrada, nos restaurantes.

Ao redor da lareira se comia, e a família reunia-se. O fogo que dali emanava, aquecia os corpos e os espíritos dos residentes, e presenciava os acontecimentos mais interessantes da vida familiar. Naquele local se abordavam os problemas familiares, económicos e sociais. Ali mesmo se verificava a manifestação de religiosidade, com orações diárias, recordações dos entes que já tinham partido, pedidos de ações de graça para os presentes, familiares e amigos; narravam-se histórias antigas de lobisomens, de almas errantes que vagueavam desatinadamente pelo facto de terem feito promessas que não foram cumpridas; também histórias de santos que gozavam as delícias da eternidade, depois de se arrependerem das maldades cometidas, e depois passaram a proceder corretamente no resto da vida. Esta forma de vivência tinha como objetivo fazer interiorizar nas pessoas, o quanto é necessário proceder-se de forma correta com toda a gente neste mundo, e de praticar ações a “fazer o bem, sem olhar a quem”.¹⁴⁵

7.3 - OS MOVIMENTOS ASSOCIATIVOS

Os movimentos associativos existentes oficialmente em cada uma das localidades são os seguintes.

No BARCO

- Arpaz - Associação Regional de Solidariedade e Progresso do Alto Zêzere;
- Sport Clube do Barco;
- Sociedade de Recreio e Folclore de S. Sebastião;
- Clube de Caça e Pesca do Rio Zêzere;
- Associação Cultural e Recreativa.

Na COUTADA

- Centro Social da Coutada;
- Centro Cultural e Desportivo da Coutada;
- Associação Desportiva e Folclórica da Coutada.

No PESO

- Centro Social e Comunitário do Peso;
- Associação da Juventude do Peso;
- Associação de Caçadores e Pescadores Peso-Zêzere.

¹⁴⁵ Ditado popular

Em VALES DO RIO

- Grupo Desportivo de Vales do Rio;
- Associação Rancho Folclórico de Vales do Rio.

No DOMINGUIISO

- Sport Lisboa e Águias do Dominguiso;
- Associação de Caça e Pesca.

CONCLUSÃO

Quando vemos empresários que pretendem investir em determinado produto ou mercado, verificamos que são realizados os chamados estudos de marketing com a finalidade de antecipadamente poderem fazer uma estimativa das desejadas possibilidades de bons desfechos, e de serem compensados por valores lucrativos.

De forma idêntica as localidades poderão valorizarem-se, se souberem demonstrar o seu passado, a sua história, afirmando-se, dando a conhecer o seu património através dos estudos locais. Este trabalho é pois uma pequena viagem pelo passado, afirmando o presente, porque necessário se torna descobrir maneiras de melhorar o futuro, na senda do progresso e na defesa dos superiores interesses de todas as povoações e de quem nelas reside. Os estudos das monografias valorizam não só a localidade que referenciam, mas também a sua zona limítrofe, e de este modo se alarga não só ao concelho, mas também beneficia o País.

Lançaram-se pistas para novas pesquisas, e indiciaram-se outras informações para quem ambicione estudar e interessar-se pelos factos da cada uma das aldeias; deseja-se que realmente apareçam mais pessoas interessadas, que se sintam orgulhosas das suas localidades e queiram lançar-se no desenvolvimento destes temas abordados, e que nos próximos tempos haja quem pretenda fazer monografias da sua própria localidade. Certamente os seus autores sentir-se-ão moralmente compensados das suas pesquisas, e aprenderão muito mais do que aquilo que sabem. Espero, sinceramente, que este trabalho tenha interesse para a população da Corda do Rio, e que possa ajudar quem queira dar prossecução ao mesmo.

BIBLIOGRAFIA

ALEIXO, Artur Santos, *Era um sonho, Era uma noite*, Edição do Autor, Tortosendo, Outubro de 2010.

ALMEIDA, General João de, *Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses*, Edição do Autor, Lisboa, 1945, Vol. I BEIRA (Distritos da Guarda, Castelo Branco e Viseu)

AMARAL, Ilídio do, et al., *Enciclopédia Geográfica*, Seleções do Reader's Digest, SA, Lisboa, Junho de 1989.

AN/TT, *Chancelaria de D. Afonso III*, Livro I, Vol.1 Doc.167

ANDRADE, Jorge, (Coord.) et all, *Brulhão, o sabor da tradição*, Edição Junta de Freguesia de Vales do Rio, 2013.

Arquivo Municipal da Covilhã, *Pergaminhos Medievais*.

BAPTISTA, José dos Santos, *Belos Campos em Flor*, Edição da A.J.P., Peso, 2000.

BERNARDO, Carla Cristina Pinheiro, *Os Arquivos em particular o do Museu de Lanifícios da UBI*. Dissertação de Mestrado em Ciências Documentais, Covilhã, outubro de 2013.

C. M. C. - *Plano Municipal de D. F. C. I.*, Covilhã, s. d., Caderno II, Informação básica.

CANTU, Cesar, *Os últimos trinta annos, (1848 a 1878)*, Editor Francisco Arthur da Silva, Lisboa, 1880.

CARDOSO, Padre Luís, *Dicionário geográfico ou Noticia histórica de todas as cidades, villas, lugares e aldeias, rios, ribeiras e serra dos Reynos de Portugal e Algarve com todas as cousas raras, que nelles se encontrão, assim antigas, como modernas*, Tomo I, Lisboa, 1747.

CARVALHO, Pedro C., *Cova da Beira*, CMF / IAFLUC, Fundão / Coimbra, 2007.

DELGADO, Rui, *História Temática da Covilhã (1800 a 1926)*, vol. IV, Edição do autor, Covilhã, 2006.

FERNANDES, Adelino Pais, *Concelho da Covilhã e Memórias Paroquiais de 1758*, Fundagraco, Covilhã, Outubro de 2000.

FLORINDA - Revista Cultural - Edição da Câmara Municipal da Covilhã, Ano 3, Nº 7 - Abril - 2000.

FRANCISCO, Nuno, *Editorial*, Jornal do Fundão, nº 3632 de 12 de Maio de 2016.

GUILLARD, Achille, *Eléments de Statistique Humaine ou Démographie Comparée*, Guillaumin et C.ie Libraires, 1855.

HOUAISS, Antônio, e VILLAR, Mauro de Salles, *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Círculo de Leitores, Lisboa, 2002.

L. Gallois, *Régions naturelles et noms de pays. Étude sur la région parisienne*, Librairie Armand Colin, Paris, 1908.

LEAL, Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho, *Portugal Antigo e Moderno*, Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, Lisboa, 1873, volume 1º.

LEAL, Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho, *Portugal Antigo e Moderno*, Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, Lisboa, 1874, volume 2º.

LEAL, Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho, *Portugal Antigo e Moderno*, Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, Lisboa, 1875, volume 6º.

MADEIRA, José Fernando Monteiro, *Mudanças desejadas e desenvolvimento provocado. (Dinâmicas migratórias a partir de uma aldeia do concelho da Covilhã: o Peso.)* Dissertação de Mestrado em Sociologia, Covilhã, janeiro de 2000.

MARQUES, Pedro José, *Diccionario Geographico abreviado das oito províncias dos Reinos de Portugal e Algarves*, Porto, 1853.

MARTONNE, Emmanuel de, et all, *Panorama da Geografia*, Edições Cosmos, Lisboa, 1953, Vol. I.

MOURÃO-FERREIRA, David, *Portugal, a Terra e o Homem, (Antologia de textos de escritores do século XX)*, II Volume- 1ª Série, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 10 de Junho de 1979.

NEMÉSIO, Vitorino, *Portugal, a Terra e o Homem, (Antologia de textos de escritores dos séculos XIX - XX)*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 10 de Junho de 1978.

NEVES, João Dias, *Regionalização: razões e questões. REGIONALIZAÇÃO textos oportunos*, UBI, Departamento de Sociologia e Comunicação Social, Centro de Estudos Sociais, Covilhã, 1998.

PAROCHIA DO PEZO, *Tombo da Parochia de Santa Maria Madalena do Pezo, e suas anexas*, 1757.

PEREIRA, Ana Catarina, *Estudo do Tecido Operário Têxtil da Cova da Beira*, Sindicato dos Trabalhadores do Sector Têxtil da Beira Baixa, Covilhã, 2007.

PEREIRA, António dos Santos (Coord.) et al, *REGIONALIZAÇÃO textos oportunos*, UBI, Departamento de Sociologia e Comunicação Social, Centro de Estudos Sociais, Covilhã, 1998.

PEREIRA, António dos Santos, *Portugal Adentro do Douro ao Tejo*, Edição Serviços Gráficos da Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2009.

PEREIRA, José Esteves (Dir.), et all, *Piedade Popular em Portugal*, tomo III, Terramar, 1ª Edição 2011.

PINHEIRO, Elisa Calado *A Beira Interior: de mosaico de paisagens a região identitária*, Revista Online do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior Ubimuseum.

RIBEIRO Orlando, LAUTENSACH Hermann, *Geografia de Portugal*, Edições João Sá da Costa, Lda., Vol. I. Lisboa, 1987.

RIBEIRO, Orlando, *Introdução ao estudo da geografia regional*, Edições João Sá da Costa, Lda., 2ª edição, Lisboa, 1995.

RIBEIRO, Orlando, *Opúsculos Geográficos*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1995, Vol. VI.

RIBEIRO, Orlando, *Opúsculos Geográficos*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1990, Vol. III.

SALVADO Maria Adelaide Neto, *Remoinhos, ventos e tempos da Beira*, edição da autora, Castelo Branco, 2000.

SANTA-RITTA, Gonçalo, *PORTUGAL a expressão da paisagem*, Direcção-Geral da Divulgação, Lisboa, 1982.

SARAIVA, José Hermano, *História de Portugal*, Publicações Europa-América, Lda., Mem Martins, Maio de 1998.

SARDINHA, Maria da Graça d'Almeida, *Contribuição para uma monografia "A Mudança em Dominguiso"*, edição da autora, Dominguiso, 1995.

SILVA, Armando B. Malheiro, *Revista Cultural BRACARA AUGUSTA*, separata Vol. XLIII, edição Câmara Municipal de Braga, s.d.

SILVA, Isabel (Coord.), *Dicionário Enciclopédico das Freguesias*, vol. 4, Edições ASA, S. A., Vila Nova de Gaia, 1998

SILVA, José Aires da, *História da Covilhã*, L. C. - Litografia Coimbra, S. A., Julho de 1997.

TORRE DO TOMBO, *Memórias Paroquiais*: BARCO - Vol. 6, nº 34, pp. 279 a 288; COVILHÃ - Vol. 12, nº 452, pp. 3087 a 3130; DOMINGUIZO - Vol. 13, nº 22, pp. 131 a 134; PESO - Vol. 29, pp. 1181 a 1188.

VENTURA, Leontina; OLIVEIRA, António Resende de, *Chancelaria de D. Afonso III*, Fundação Caloust Gulbenkian, Coimbra, 2006, Livro I. Vol. 1.

VENTURA, Leontina; OLIVEIRA, António Resende de, *Chancelaria de D. Afonso III*, Fundação Caloust Gulbenkian, Coimbra, 2006, Livro I. Vol. 2.

VENTURA, Leontina; OLIVEIRA, António Resende de, *Chancelaria de D. Afonso III*, Fundação Caloust Gulbenkian, Coimbra, 2011, Livros II e III.

VICENTE, Maria da Graça, *Covilhã Medieval. O Espaço e as Gentes*, Edições Colibri/Academia Portuguesa da História, Lisboa, Outubro de 1912.

WEBGRAFIA

<http://www.pordata.pt/Municipios>

http://www.ccdrc.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=367&Itemid=249&lang=pt

<http://www.pordata.pt/O+que+sao+NUTShttps://www.google.pt/search?hl=pt->

PT&site=imghp&tbm=isch&source=hp&biw=1366&bih=643&q=concelho+da+covilh%C3%A3&aq=Concelho+da+covi&gs_l=img.1.0.0.18554.26850.0.29107.16.9.0.7.7.0.163.1262.0j9.9.0....0...1ac.1.64.img..0.16.1296.ZU6hR3LUGOI#imgrc=RvyRYX12AiCpyM%3A.www.hydrol-earth-syst-sci.net/11/1633/2007/

https://www.ipma.pt/export/sites/ipma/bin/images.site/educativa/clima_koppen_pt_cont_vrs1.2.jpg

<http://www.viamichelin.pt/web/Mapasplantas?address=6200%20Peso&addressId=31NDF4c2MxMGNOREF1TVRrMU1qTT1jTFRjdU5UVTROekU9>

www.icnf.pt/portal/florestas/dfci/Resource/doc/rel/2013/rel-IF-31agosto13

<http://www.icnf.pt/portal/naturaclas/rn2000/resource/docs/RN-gest-patrim>

<http://capeiaarraiana.pt/2009/11/23/figuras-tipicas-2-tonho-daldea/>

<http://dominguiso.paginas.sapo.pt/index.html>

<http://antt.dglab.gov.pt/wp-content/uploads/sites/17/2008/09/Memorias-paroquiais-indice-final-2014.pdf>

http://antt.dglab.gov.pt/wp-content/uploads/sites/17/2008/09/cod_mun_freg.pdf

<http://comosercristacatolica.blogspot.pt/2010/07/sacramento-da-eucaristia.html>

http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos_historia_pt_1890

<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/2654430.pdf>

<http://www.cm-covilha.pt/simples/?f=2412>

<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k815038.r>

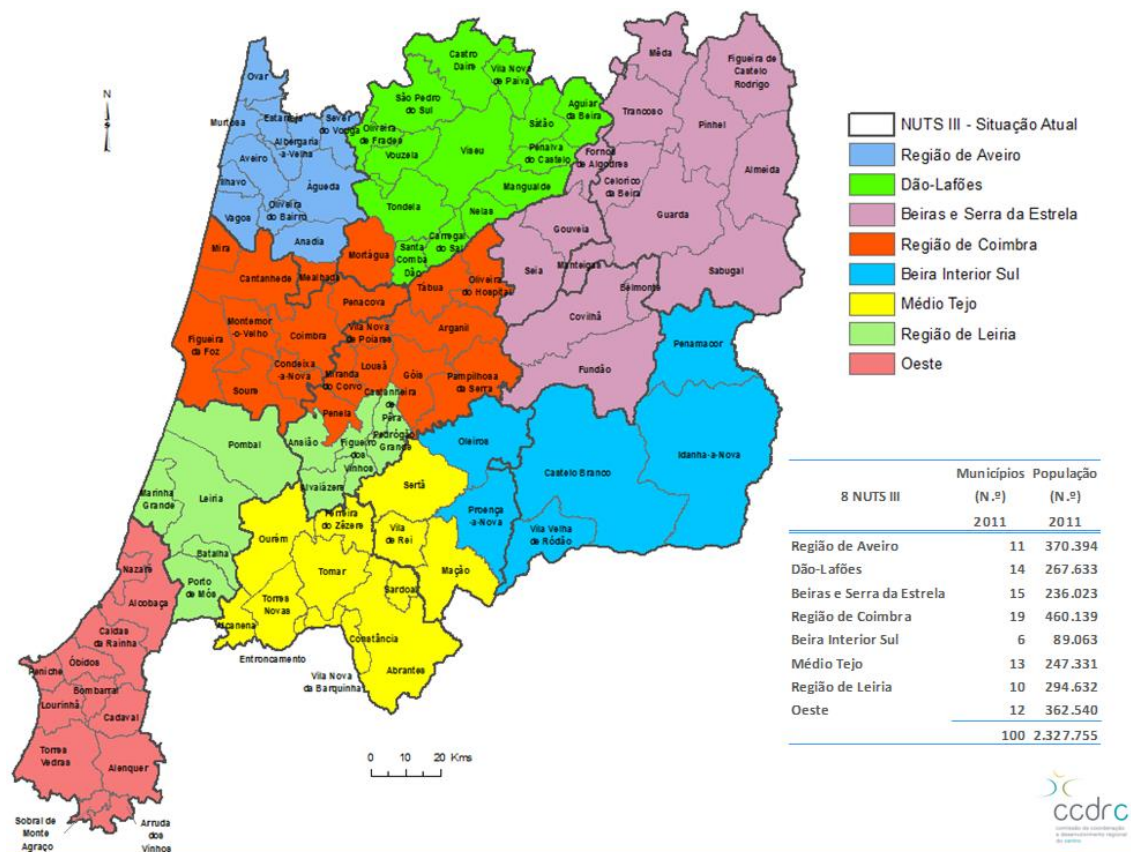
<http://www.ubimuseum.ubi.pt/n03/artigos.html>

<http://terrenho.blogspot.pt/2012/09/berco-antigo.html>

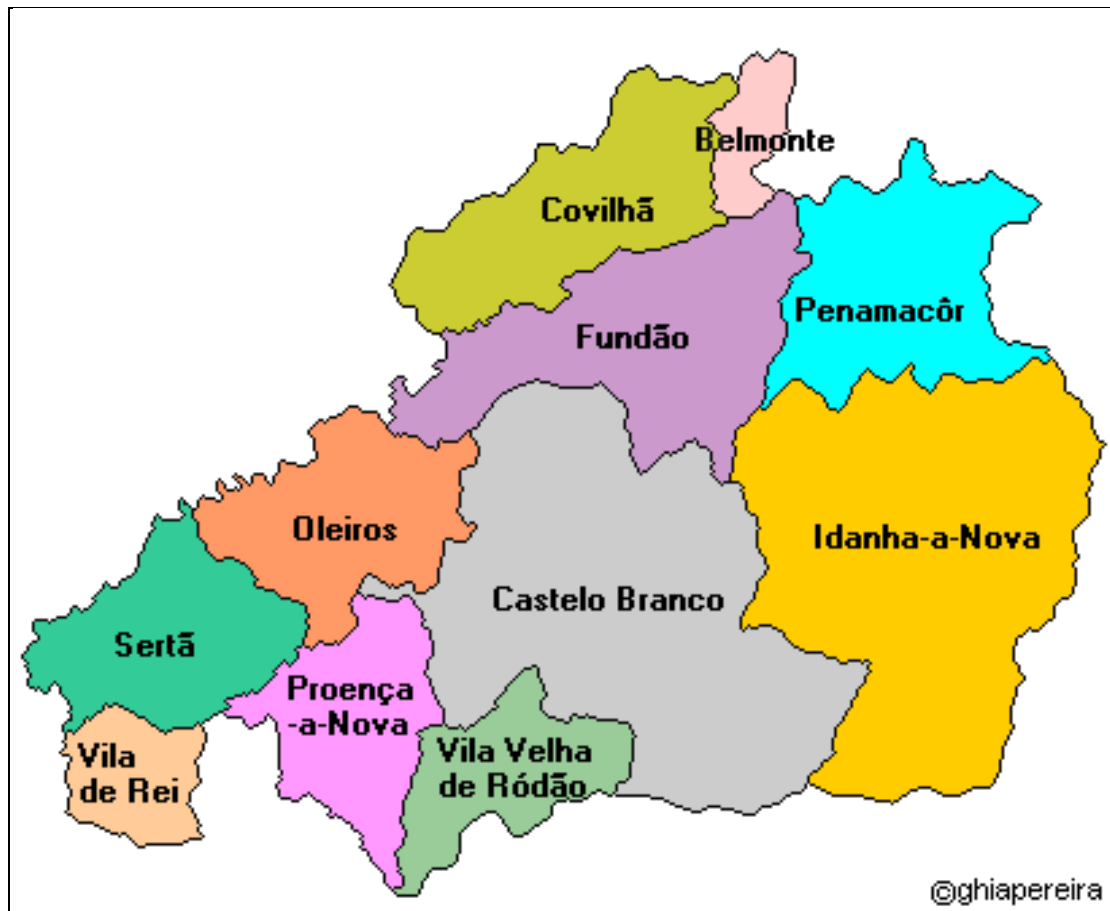
[Todos estes *sites* foram acedido em diversos dias para consulta, tendo no último dia revisitado os mesmos para confirmação da sua existência digital no dia 19 de Maio de 2016.]

ANEXOS

MAPAS



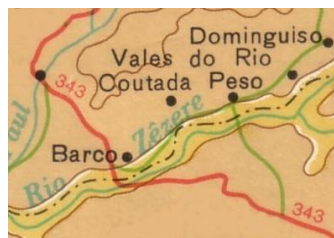
Mapa 1 - Região Centro (NUTII)



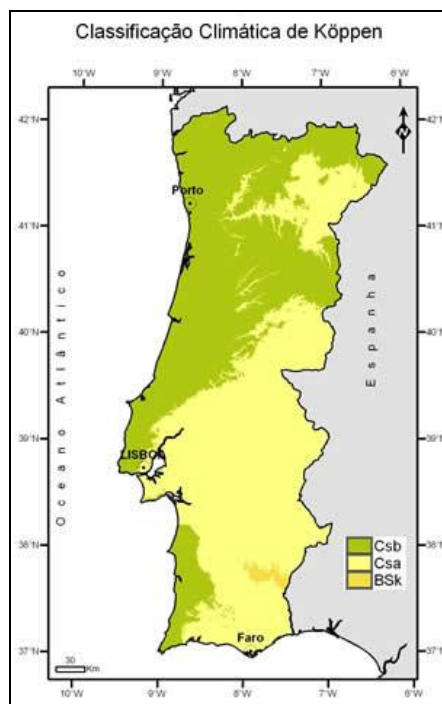
Mapa 2 - Distrito de Castelo Branco



Mapa 4 - Situação das localidades do concelho da Covilhã



Mapa 5 - Aldeias da Corda do Rio



Mapa 6 - Classificação climática de Köppen